

A MISSA DE FRENTE PARA DEUS

Jean Fournée



Tradução de Luís Augusto Rodrigues Domingues

Apresentação

Paz e bem!

Após ter concluído a tradução da obra “*Vueltos hacia el Señor!*” de Mons. Klaus Gamber, ponho à disposição dos fiéis católicos de língua portuguesa mais um trabalho, realmente simples, humilde e não profissional: a tradução para o português da obra *La Misa cara a Dios*, versão espanhola que encontrei de *La Messe face à Dieu*, lançada em 1976, por Jean Fournée.

A ausência de livros litúrgicos sobre temas semelhantes em língua portuguesa é verdadeiramente sensível.

Minha primeira experiência de conhecimento do sentido da orientação litúrgica se deu com a leitura da “*Introdução ao espírito da Liturgia*”, do então Cardeal Ratzinger. Algumas pesquisas na Web me fizeram chegar às duas obras que apresento, com alegria.

As notas de fim, converti em notas de rodapé. Assim, junto às anotações que coloquei como notas do tradutor, o leitor poderá ver a referência das citações do original.

A versão que utilizei se encontra em <http://ar.geocities.com/catolicosalerta/altar/cara01.html>. As páginas seguintes vão sendo acessadas por links no fim de cada página.

Lembro que não tenho ligação alguma com o referido site e que não me responsabilizo pelas opiniões nele apresentadas. De lá apenas me aproveitei da obra que agora vem traduzida. Sempre que falar em original, refiro-me a esta versão em espanhol. Infelizmente não posso garantir que a obra esteja completa, mas por causa da falta de material sobre o assunto em língua portuguesa, traduzi-a como encontrei.

Aproveito a ocasião para bendizer a Deus pela Eucaristia celebrada há poucos dias (11/09, foto da capa) na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, na zona leste da cidade. O sacerdote celebrante na ocasião em questão foi o Pe. Roberto José Lettieri, fundador da Fraternidade Toca de Assis, que veio em visita para a consagração dos leigos da Fraternidade.

O dito sacerdote pôs a cadeira do lado esquerdo, pôs os quatro castiçais mais ao fundo do altar e ficou verdadeiramente orientado durante a Liturgia Eucarística (pois a abside da Igreja está ao leste), o que na boca dos menos instruídos ou dos mais maldizentes significa “celebrar de costas para o povo”.

Não sei há quantos anos a orientação comum do sacerdote e do povo foi “banida” nestas calorosas terras. Não sei se nos últimos trinta anos algum sacerdote permaneceu orientado com o povo em alguma paróquia desta amada arquidiocese. A orientação é uma das características que desejaria muito ver em nossas liturgias.

Por fim, este trabalho é de certa maneira um louvor a Deus uno e trino, cujas maravilhas nos são comunicadas na Sagrada Liturgia e também uma súplica por sacerdotes cheios de zelo pela Sua casa.

Agradeço a todos os que me ajudarem na revisão das duas obras.

Aos 22 de setembro de 2008, madrugada da segunda-feira da XXV Semana Comum.

Luís Augusto Rodrigues Domingues
Paróquia São João Evangelista
Arquidiocese de Nossa Senhora das Dores, Teresina-PI
lardpi@gmail.com

Índice

CAPÍTULO 1 - O simbolismo da Orientação.....	04
CAPÍTULO 2 - Orar rumo ao Oriente	09
CAPÍTULO 3 - Arquitetura e orientação	18
CAPÍTULO 4 - Orientação e ornamentação das igrejas	22
CAPÍTULO 5 - De frente para Deus ou de frente para os homens?	27

CAPÍTULO 1

O simbolismo da Orientação

Em uma recente obra enciclopédica, da pena de um conhecido liturgista, pode-se ler esta surpreendente afirmação: “A Igreja romana não aceitou muito e nem sequer compreendeu a orientação”. E dava como prova certa homilia do Papa São Leão.

Tal afirmação, muito evidentemente, quer justificar a atual paixão pela Missa de frente para o povo. Lamentavelmente, o que se afirma é o contrário da verdade histórica. Tão bem “aceitou e compreendeu a orientação” a Igreja romana que disso rapidamente fez uma regra geral. Quanto a São Leão, não só não a condenou como é um dos que a purificaram de todo equívoco pagão.

Neste estudo quisemos apresentar aos que a esqueceram ou aos que a desconhecem esta bela tradição da Igreja universal: a oração *versus ad Orientem*¹.

Quisemos recordar suas conseqüências sobre os ritos do altar, os gestos da assembléia, a escolha dos textos sagrados, finalmente, sobre a organização e ornamentação dos lugares de culto.

Desconcertados pela tendência moderna de pôr em dúvida as provas, mesmo inquestionáveis, ou pelo menos por a considerarem suplantada, quisemos mostrar como entrou esta tradição e como se manteve no cristianismo mais ortodoxo.

Enfim, para aqueles para os quais o encontro do homem com Deus é assunto puramente interior e deve prescindir de toda referência exterior, quisemos dizer-lhes que a Escritura e o ensinamento dos Padres, os textos e os ritos litúrgicos estão cheios de alusões cósmicas. Tratando de dessacralizar o universo, o humanismo moderno desconhece a alma humana, pois a priva do recurso aos símbolos, isto é, de um passo essencial em sua busca do divino e para seu acesso a ele.

Começemos por algumas considerações históricas e litúrgicas.

SOL INVICTVS²

Inicialmente houve uma contaminação pelo culto ao sol? O Deus dos cristãos foi Apolonizado³? A questão merece ser bem delineada, por causa da considerável importância desse culto no império romano e de sua revitalização sob a forma de Mitraísmo, importado do Oriente no momento do nascimento de Cristo. É sabido que existiu juntamente com o Cristianismo; que Constantino mesmo, muito adepto a suas “ascendências” de Apolo, se fez representar como deus sol sobre o foro de Constantinopla; e que Juliano, o apóstata, pôs Mitra de novo em vigor em meados do séc. IV. Isto possivelmente explica, no século seguinte, as reticências de São Leão Magno, inquieto ao ver que alguns cristãos rendiam homenagem ao sol nascente (*converso corpore ad nascentem solem se reflectant et, curvatis cervicibus, in honorem splendidi orbis, se inclinant*). Temia que semelhante atitude fosse de índole capaz de semear confusão entre os novos convertidos, que veriam que os alguns cristãos se entregavam a uma prática importante no paganismo. São Leão tem por bem admitir que, se o gesto é o mesmo, seu espírito é diferente, e que tal homenagem não se dirige à luz, mas ao Criador da luz. Qual o problema? Há um equívoco. É importante sabê-lo (Sermo XXVII, In Nativ. Domini, P. L. 54, col. 218).

Para compreender esta advertência, deve-se recordar que um grande número de basílicas romanas, especialmente a de São Pedro (como o edifício atual), estavam orientadas ao contrário. Tinham sua abside ao oeste, e sua fachada e entrada ao leste. Os fiéis, ao olhar para o altar, davam as costas para o astro nascente, o que compensavam, antes de ocupar seu lugar na nave, com uma saudação *ad nascentem solem* ao subir os degraus do átrio (*superatis gradibus quibus ad suggestum areae superioris ascenditur*). Este costume de manteve por vários séculos.

¹ NT. Voltada para o Oriente.

² NT. Sol vitorioso, ou literalmente, Sol invicto, que não foi vencido.

³ NT. De Apolo, nome de uma divindade da mitologia romana. Seria o deus da luz e do sol.

Em suma, a monição de São Leão prova que existia entre os cristãos de seu tempo uma tradição muito antiga, a que por outra parte durante esse mesmo século ia impor ao Ocidente o que já desde muito tempo se fazia no Oriente: a orientação verdadeira das igrejas com a abside ao leste.

Porém o texto que acabamos de citar permite também pensar que seu autor tinha suas razões para inseri-lo numa homilia de Natal (Sermo XXII, P.L. 54, 198), na qual São Leão deixa os fiéis atentos contra a tentação de escutar aqueles que queriam fazer-lhes crer que esta festa do Natal não é tanto a do Natal de Cristo, mas do nascimento do novo sol. Insensíveis à verdadeira Luz, eles são suficientemente tolos para rodear de honras divinas a um simples “foguinho”⁴ posto por Deus ao serviço dos homens.

Assim, pois, o chefe da Igreja se levanta contra o culto solar, o que prova que, apesar da substituição então bastante recente da festa pagã do *Natalis solis invicti* pela festa cristã do Natal, estava sempre presente o perigo de um retorno do povo aos ritos pagãos que marcavam o solstício de inverno.

Sem dúvida, esta substituição, esta cristianização da festa pagã, devia sensibilizar particularmente os fiéis pela homenagem que a Igreja rende Àquele em quem ela vê o verdadeiro *Sol invictus*. De fato, a liturgia do Natal se acha impregnada desta mística da luz. A alegria humana da renovação, do retrocesso da noite e do retorno glorioso do astro do dia, cujo começo indica o solstício, esta alegria humana a Igreja canaliza para o mistério de Cristo. O acontecimento cósmico se torna para ela uma figura, um sinal. Esta luz “que as trevas não compreenderam”, como não reconhecer nela a única “verdadeira luz”, aquela que “ilumina todo homem”?⁵ Liturgia de triunfo, liturgia de esplendor e de iluminação, tal é o ofício do Natal em todas as épocas entre os cristãos⁶. Os Padres não são menos entusiastas em seus comentários e na vibrante homenagem que rendem ao único Sol invicto “*descendo das sublimes alturas das claridades eternas*”.

Entre os diferentes comentários sobre a Adoração dos Magos, há um que merece ser recordado aqui. É sabido que os Magos foram considerados como sacerdotes de Mitra, a personificação do *Sol invictus*. Nos documentos iconográficos mais antigos eles levam suas vestimentas e a cobertura para a cabeça⁷. Vindo do Oriente, estes sacerdotes do Sol pareciam enviados pelo astro que adoravam para restituir ao Criador a homenagem abusivamente prestada à sua criatura. A idéia é de Santo Efrém. Acha-se expressa na hinologia síria.

AD SOLIS ORTVM⁸

A liturgia da Epifania prolonga a do Natal em uma mesma exaltação da luz: *Surge, illuminare, Jerusalem: quia venit lumen tuum et gloria Domini super te orta est*⁹ (Epístola do dia 6 de janeiro, de Is 60,1). Porém esta vitória anual da luz, este renascimento que dá ritmo aos anos, esta renovação que todas as religiões têm realizado, cada dia lhes traz de volta. Cada aurora a recapitula. À hora em que se dispersam as trevas da noite, o ofício de Laudes canta o retorno da luz. É o que lhe dá a sua alegria. É o que explica a escolha de seus salmos e cânticos, e dos hinos admiráveis de Santo Ambrósio e de Prudêncio.

Como, então, neste espaço sagrado que é o edifício cristão, neste microcosmo cuja estrutura e organização se ordenam, ou deveriam se ordenar, ao mesmo tempo como um testemunho e como uma referência, não desejar que o visível busque o invisível, que o evoque, que seja percebido e recebido como um sinal, e que esse sinal não tenha somente valor de guia, mas que se apodere da alma para transportá-la à contemplação do mistério e que a coloque na presença da realidade sobrenatural da qual não passa de figura? Sinceramente, como não experimentar um mal-estar quase físico enquanto se cantam os versículos dos hinos *Splendor paternae glorie*¹⁰ ou *Lux ecce surgit*

⁴ NT. No original *pabulo* = pavio, mecha.

⁵ NT. Trechos de Jo 1,5.9. No original lê-se: *que las tinieblas no han podido apagar*.

⁶ NT. No original: *tal es el oficio de Navidad en todos los retos cristianos*. Este vocábulo *retos* deve ser outro com erro de grafia. Poderia ser *ratos* (=momentos)? Pensando algo assim traduzi como está posto acima.

⁷ NT. No original *tocado* = cabelo, penteado, adorno para a cabeça.

⁸ NT. Do nascer do sol.

⁹ NT. Levanta-te, sê radiosa, Jerusalém, pois vem a tua luz e a glória do Senhor nasceu sobre ti.

¹⁰ NT. Esplendor da glória do Pai...

*aurea*¹¹, ao dar as costas a esta claridade matinal que entra pela abside e pouco a pouco enche a nave sagrada? Temos ficado insensíveis aos símbolos? Para nós, crentes, a criação deixou de ser o espelho do Criador? Temos ficado incapazes de contemplar, por estarmos enfatiados ou por sermos demasiado sábios, na luz criada a luz de Deus, a luz d'Aquele que disse: “*Ego sum lux mundi*” (Jo 9,12), essa luz “*suave e deleitável*” (Ecl 11,7), que “*se levanta na escuridão*” (Is 58,10) “*para iluminar as nações*” (Lc 2,32) e “*o povo dos justos*”¹² (Sl 112,4)? Cada semana, nas Laudes, podemos fazer nosso este versículo do Sl 35: *et in lumine tuo videbimus lumen*¹³, e cantar, como o ofício a isso nos convida em qualquer dia da semana, os magníficos versículos do Cântico de Zacarias nos quais se compara o Messias a um sol nascente suscitado pelo Pai *para iluminar a quantos jazem entre as trevas e na sombra da morte estão sentados* (Lc 1,78-79).

Alguém poderá dizer que somos exageradamente sensíveis ao símbolo solar; que também as pedras estavam voltadas para o nascente na época dos megálitos¹⁴; que todas as religiões pagãs, das mais primitivas às mais evoluídas, glorificaram os mitos naturalistas e que, ainda que tivessem deixado de deificá-los, guardavam-nos como símbolos. Virgílio (Eneida, VII) e Ovídio (Fastos, IV) recomendavam a oração voltada para o leste. Em Roma, como em Atenas, como no antigo Egito, os templos estavam orientados de tal maneira e segundo um eixo de precisão tal que o sol nascente iluminasse o rosto do deus ou da deusa no dia em que se festejava essa divindade.

De fato, o cristianismo não aboliu a sacralidade antiga. Desmitificou-a. Libertou-a. Transfigurou-a. Convidou o homem religioso, atento aos símbolos, não a renunciar aos símbolos, mas a dar-lhes um novo sentido, um sentido de acordo com a Revelação. O *Sol invictus* se converteu no *Sol Salutis*¹⁵. O Sol Rei se tornou o Rei do Sol, porque, escreve Santo Agostinho, por Ele foi criado o sol (*non est Dominus Sol factus, sed per quem Sol factus est*¹⁶. (In Ioanem P.L. 35,1652)). E o Oriente cósmico se iluminou com as radiantes promessas da Salvação.

O *Sol Salutis* é também o *Sol Iustitiae*¹⁷, de que fala Malaquias (3,20), sinal de poder e de vitória (cf. Is 41,2), que os Padres gregos e latinos identificam com Cristo.

SIGNVM CRVCIS¹⁸

Porém, eis aqui que o Oriente é iluminado por um astro mais ardente que o sol. “*Senhor, formastes no céu um sinal glorioso entre os demais, que cintila com uma claridade infinita*”, assim se expressa um tropário bizantino nas Matinas de 14 de setembro, enquanto o Ocidente latino exclama: *O Crux, splendidior cunctis astris!*¹⁹

Para este sinal que do Oriente nos chamava às bem-aventuranças eternas devia se dirigir o último olhar dos mártires. Esta Cruz, a qual exaltaram Justino, Irineu, Efrém, Paulino de Nola e João Crisóstomo, não era o madeiro vergonhoso do Gólgota, mas o testemunho deslumbrante da glória de Cristo com a qual se iluminará o último amanhecer do cosmo. Esta Cruz salvífica aparecerá no céu, nos diz Santo Efrém, “*como o cetro de Cristo, o grande Rei... superando o brilho do sol e precedendo a vinda do senhor*²⁰ *de todas as coisas*”. “Sinal triunfal!” exclama São João Crisóstomo, “*mais resplandecente que o astro dos dias*”!

Nas origens do cristianismo se associa a oração voltada ao Oriente com o culto da Cruz. E o culto da Cruz é antes de tudo uma homenagem rendida à glória divina.

Porém é também a afirmação de uma esperança. Se o Oriente evoca o Paraíso perdido, é mais ainda o lugar do Paraíso reencontrado. Ali está a morada do grande Senhor, marcado pela Cruz, sinal de reprobção para os malditos, mas sinal de reunião para os justos. Quanto, no interior

¹¹ NT. Eis que surge a luz dourada...

¹² NT. Ou para os retos.

¹³ NT. E na vossa luz veremos a luz.

¹⁴ NT. Pedras monumentais dos tempos pré-históricos.

¹⁵ NT. Sol da salvação.

¹⁶ NT. Não é o Senhor que foi feito pelo Sol, mas por quem o Sol foi feito.

¹⁷ NT. Sol da justiça.

¹⁸ NT. [O] Sinal da Cruz

¹⁹ NT. Ó cruz, mais brilhante que todos os astros...

²⁰ NT. No original *dueño*.

de sua casa, os primeiros cristãos traçavam uma Cruz sobre a parede oriental e rezavam diante dela, expressavam sua fé na permanência do Senhor nos céus, porém diante da Cruz, *conversi ad Dominum*²¹, ficavam de frente ao Soberano juiz na espera mística do grande Retorno, esperança suprema.

Este duplo aspecto se une ao simbolismo das Cruzes absidais. Na arquitetura bizantina, a abside representa o espaço celeste ao qual a Cruz dá seu significado presente e futuro. Ela [abside] atualiza para os fiéis a obra da salvação operada por Cristo e lhes anuncia sua vinda gloriosa no fim dos tempos. A célebre aparição da Cruz luminosa no céu de Jerusalém, no ano de 351, que nos conta São Cirilo (P.G. 33, colunas 1176 e 1177), teve, sem dúvida alguma, sua influência na decoração das absides e das abóbadas. Porém, como demonstra André Grabar, tal visão “*não é imaginável sem a função do culto da Cruz e sem ser como que seu reflexo*” (Martyrium, t. II, p. 276). Disso temos provas bem anteriores ao ano 351, nas quais se afirma o sentido escatológico desse culto.

Abside ao leste, decorada seja com a Cruz triunfal (que será a única figuração permitida na época da iconoclastia), ou com o Cristo Pantocrator, ou com a visão de Ezequiel (o Cristo do tetramorfo), ou com o Trono preparado (hetimasia), ou com uma teofania de premonição, como em Santo Apolinário in Classe, em Ravena: tal será a regra desde o séc. IV entre os bizantinos, esperando que o Ocidente latino a adote unanimemente, apesar de algumas dissidências romanas, por outra parte corrigidas, como veremos, por um ritual de adaptação litúrgica que é um testemunho de primeira importância em favor da oração orientada.

CONVERSI AD DOMINVM

A deplorável indiferença de tantos liturgistas modernos diante deste simbolismo é um repúdio ou fruto da ignorância? A ignorância seria muito desculpável depois dos medulosos estudos de Cyrille Vogel e de alguns outros²².

À espantosa afirmação de que a Igreja Romana “*não aceitou muito e nem sequer compreendeu a orientação*”, eis aqui a resposta dos fatos.

Guilherme Durand, em seu *Rationale Divinorum Officiorum*, diz que o Papa Virgílio (537-555) foi quem prescreveu que o celebrante servisse voltado para o leste. Porém em algumas das primeiras basílicas romanas, cuja abside estava para o oeste e a entrada ao leste, e onde, conseqüentemente, os fiéis olhavam para o ocidente, o sacerdote assim celebrava voltado para o oriente. Tal disposição acarretava forçosamente a Missa *versus populum*²³, porém esta não passava de uma conseqüência e não de uma disposição ritual querida sistematicamente. É, pois, uma afirmação errônea pretender que na Igreja primitiva a Missa se celebrava voltada para o povo. É mais exato dizer que a celebração estava orientada, qualquer que fosse a posição dos fiéis no edifício.

Porém quando estes, ao estar situados diante do altar, se encontravam voltados para o oeste, era-lhes prescrito em certos momentos da celebração, especialmente na *oratio fidelium*²⁴, o voltar-se para o leste, e conseqüentemente, dar as costas ao celebrante e ao altar. Acontecia o mesmo ao convite do *Sursum corda*²⁵. Estas prescrições são anteriores ao primeiro *Ordo Romanus*, ou seja, pelo fim do séc. VII. O *Ordo Romanus I* prescreve a orientação durante o Glória, a Coleta e a *Oratio fidelium*, e reitera a obrigação para o celebrante de estar sempre olhando para o leste durante toda a ação eucarística, desde o prefácio até a doxologia final. Tudo isto foi organizado²⁶ de maneira definitiva nos trabalhos de Cyrille Vogel.

²¹ NT. Voltados para o Senhor.

²² NT. Parece óbvio que o sentido da frase é irônico.

²³ NT. Voltada para o povo.

²⁴ NT. Oração dos fiéis.

²⁵ NT. *Elevemos os corações ou Corações ao alto*

²⁶ NT. O original traz *Todo esto ha sido establecido de una manera definitiva por los trabajos de Cirilo Vogel*.

O mesmo sábio autor faz notar que 47 dos sermões de Santo Agostinho terminam com esta exortação: *Conversi ad Dominum, oremus!* Pois bem, a semântica do verbo *convertere* implica indiscutivelmente o sentido de voltar-se para o leste.

HIC DOMVS DEI²⁷

Havia antigamente em Paris uma igreja que se chamava de São Bento o “*Bétourné*”. A origem deste estranho epíteto é o seguinte. O edifício medieval que havia precedido a construção do séc. XVI estava ‘ocidentado’²⁸. Esta anomalia chocou tanto o povo que este batizou a igreja de: São Bento *le Mal Tourné* (mal virada) ou “*Mautourné*”. Porém ao ser reconstruída e seu altar mor recolocado no oriente, passou a ser de São Bento *le Bétourné* (bem virada).

A tradição, solidamente estabelecida em toda a cristandade ao menos desde o séc. V, foi transmitida, salvo algumas exceções, de mestre-de-obras a mestre-de-obras. Na época em que se pintavam as igrejas, essa tradição ordenada o programa ornamental figurativo do coro e da nave. Dirigia a disposição do altar. Inspirava até o simbolismo de dois cheios e dois vazios, em função dos pontos cardeais. O norte se opunha ao sul, o leste ao oeste. Enquanto se ligavam intimamente ao poente, com predileção, as grandes composições do juízo Final, termo da história do mundo, o nascente se oferecia aos símbolos escatológicos que anunciavam a vinda da Jerusalém celeste, dos “*novos céus*” e da nova terra. O clero e os fiéis, dirigidos ao mesmo tempo para o Oriente, projetavam sua oração para a luminosa promessa do Reino eterno.

Na revista “*Una Voce*” (n. 60, p. 3-6) denunciemos o erro dos que tendem a reduzir a igreja a um edifício puramente, ou acima de tudo, funcional. Destacamos muito particularmente o simbolismo do presbitério. Recordamos os textos litúrgicos da festa da Dedicção. Estes estabelecem o caráter sagrado do edifício que continua sendo, não importa o que se diga atualmente, a *Domus Dei*, a casa de Deus no meio do seu povo. Não insistiremos mais sobre estas verdades desconhecidas ou escarnecidas. O desprezo delas se encontra na raiz da tática de dessacralização a que devemos nos opor vigorosamente. Felizmente temos ao nosso lado toda a tradição da Igreja.

²⁷ NT. Esta é a casa do Senhor.

²⁸ NT. Voltado para o ocidente.

CAPÍTULO 2

Orar rumo ao Oriente

À LUZ DA ESCRITURA

Ao citar o papa São Leão Magno, dissemos que não se poderia tirar de seus escritos nada mais que a condenação de alguns cristãos que, por sua atitude equívoca, pareciam render ao sol nascente (*ad nascentem solem*) um culto que só pertencia a Deus.

O texto de São Leão²⁹ parece ser eco de uma visão do profeta Ezequiel: “À entrada do santuário do Senhor, entre o vestíbulo e o altar, avistei cerca de vinte e cinco homens, que, de costas para o santuário do Senhor, com a face voltada para o oriente, se prosternavam diante do sol” (Ez 8,16).

Porém quando o mesmo profeta, em outra visão, foi conduzido pela mão de Deus à porta oriental do templo, o que viu? “Eis que a glória do Deus de Israel chegava do oriente... A glória do Senhor penetrou no templo pela porta oriental... disse-me (a voz), é aqui o lugar do meu trono” (Ez 43,2.4.7).

Um pouco mais adiante está a célebre visão do pórtico oriental fechado: “Este pórtico ficará fechado. Ninguém o abrirá, ninguém aí passará, porque o Senhor, Deus de Israel, aí passou; ele permanecerá fechado” (Ez 44,2).

Ao ler o relato profético referente à nova Jerusalém, nota-se que Ezequiel reserva só ao Templo a colina oriental da cidade. Assim, pois, purificado de qualquer comprometimento solar idolátrico, o oriente não deixa de ser o lugar privilegiado da manifestação do Senhor.

Do oriente sairá o Salvador, nos diz o profeta Isaías: “Quem suscitou do Oriente aquele cujos passos são acompanhados de vitórias?” (41,2).

E Joel: “O sol converter-se-á em trevas”, mas a salvação estará “sobre o monte Sião” (3,4-5).

O Gênesis nos diz que no oriente se achava o Paraíso terrestre: “o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado” (Gn 2,8). E quando, depois da queda, Adão e Eva foram expulsos do Éden, Deus “colocou ao oriente do jardim do Éden querubins armados de uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3,24).

A PSEUDO-ORIENTAÇÃO DA ORAÇÃO JUDAICA

Contudo, na época do exílio babilônico, o judaísmo captou de certa maneira o oriente geográfico e o fixou de uma vez por todas em Jerusalém, mais precisamente na colina do templo, para onde convergia a esperança dos exilados. A oração judaica tinha Jerusalém como direção, qualquer que fosse o lugar geográfico onde se encontrassem os filhos de Israel. No livro de Daniel se lê: “Daniel entrou em sua casa, a qual tinha no quarto de cima janelas que davam para o lado de Jerusalém. Três vezes ao dia, ajoelhado, como antes, continuou a orar e a louvar a Deus” (Dn 6,11).

Esta pseudo-orientação da oração judaica para Jerusalém se afirma no primeiro livro dos Reis. Eis aqui alguns trechos da oração de Salomão: “se cada um, reconhecendo a chaga de seu coração, levantar as mãos para este templo, ouvi-os desde vossa morada no alto dos céus, e perdoai-lhes” (1Rs 8,38-39).

“Quando o vosso povo partir para a guerra contra os seus inimigos, seguindo o caminho que lhe indicardes, se vos invocarem com o rosto voltado para a cidade que escolhesteis, para o templo que edifiquei ao vosso nome, ouvi do alto dos céus as suas preces e súplicas, e fazei-lhes justiça” (1Rs 8,44-45).

“Se orarem a vós com o rosto voltado para a terra que destes a seus pais, para esta cidade que escolhesteis, para este templo que construí ao vosso nome, ouvi, do alto dos céus, do alto de

²⁹ Sermão XXVII, In Nativ. Domini, VII, cap. IV, P.L. 54, 218.

vossa morada, as suas preces e súplicas, e fizeti-lhes justiça. Perdoai ao vosso povo os seus pecados e as ofensas que cometeu contra vós” (1Rs 8,48-50a).

Por outra parte, estes são, segundo os exegetas, passagens agregadas depois do Exílio. Porém o Templo não deixava de ser desde sempre o pólo que atraía as orações dos judeus por causa disso.

Assim no versículo 8 do Salmo 5³⁰: “*Prostrar-me-ei em vosso santuário*”.

No versículo 2 do Salmo 28: “*Ouvi a voz de minha súplica quando clamo, quando levanto as mãos para o vosso templo santo*”.

No versículo 2 do Salmo 134: “*Levantai as mãos para o santuário, e bendizeis ao Senhor*”.

No versículo 2 do Salmo 138: “*Ante vosso santo templo prostrar-me-ei, e louvarei o vosso nome*”.

Obviamente, este uso, adotado pelos judeus da diáspora, não fez outra coisa além de confirmar-se como consequência da queda definitiva de Jerusalém. Santo Irineu faz alusão a ele pelo fim do séc. I (cf. Adv. Haer. I, 26, 2). Santo Epifânio (315-403) precisa bem que para os judeus não se trata de rezar para o oriente. Isto é para eles uma prática condenável. O que lhes convém é olhar para Jerusalém, de qualquer lugar em que se encontrem (*sed Hierosolyman versus undequaque prospicere*). Assim nos diz, os que residem ao leste da cidade voltam-se para o oeste; os que estão ao norte olham para o sul e os que estão ao sul olham para o norte, de tal maneira que todas as frentes venham a convergir em Jerusalém: *quod undique Hierosolymitanam in urbem universorum ora coniecta sint* (Adv. Haer., P.G. 41,263).

Esta prática, verdadeiramente específica do judaísmo, pode ser comparada com a do Islã, tendo Meca como pólo de oração. É fundamentalmente diferente da orientação cósmica dos cristãos, e antes destes, dos pagãos. Em Jerusalém a orientação cósmica não era efetiva se não no interior do Templo: o Santo dos Santos estava ao leste.

NASCIMENTO DE UMA OPOSIÇÃO

Porém, já antes de Cristo, nem todos os judeus se conformavam a este uso. Ao lado do judaísmo judaizante, e freqüentemente em conflito com ele, havia um judaísmo helenizante, que englobava mais ou menos a seita de Qumran e cujas relações com os essênios aparecem como muito verossímeis. Estes helenizantes se opuseram aos outros judeus num ponto essencial: o culto do Templo. Para eles a oração para o Oriente cósmico conservava sua primazia. Acomodavam-se a ela. O Pe. Daniélou deixou esta questão bem clara³¹. Contra o uso da oração *versus ad templum* fizeram campanha, nos tempos apostólicos, os helenistas judeus passados para o cristianismo, e especialmente o protomártir Santo Estevão. Releia-se sobre este ponto os textos dos *Atos dos Apóstolos*, especialmente 6,14³² e 7,48-50³³. Como já destacamos, a maior censura contra ele, o que lhe valeu mais ódio, foi certamente seu discurso contra o Templo. Por outra parte, dizem-nos os *Atos*, que depois de sua rebelião contra o que devia importar, especialmente a seus adversários, teve um gesto e umas palavras inspiradas que revestem todo seu sentido em relação com seu discurso anterior: a saber, seu olhar para os céus e sua visão do “*o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus*” (At 7,56). Seguramente não olhava para o ocidente, mas certamente para o oriente. Esse “Filho do Homem” que chega “sobre as nuvens do céu”, como o viu o profeta Daniel (7,13), e que é chamado por Deus para assentar-se à sua direita (Sl 110,1), é Aquele que aparecerá no oriente, anunciando ele mesmo sua vinda depois da queda de Jerusalém e a ruína de seu Templo. Releiamos o discurso escatológico de Cristo, no capítulo 24 de São Mateus.

³⁰ NT. A versão eletrônica na qual me baseio não traz o número do salmo. A passagem que mais se aproxima é Sl 5,8.

³¹ *Théologie du Judéo-Christianisme*, Paris, Desclée, 1957, p. 96.

³² “Nós o ouvimos dizer que Jesus de Nazaré há de destruir este lugar e há de mudar as tradições que Moisés nos legou”.

³³ “O Altíssimo, porém, não habita em casas construídas por mãos humanas. Como diz o profeta: O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Que casa me edificareis vós?, diz o Senhor. Qual é o lugar do meu repouso? Acaso não foi minha mão que fez tudo isto (Is 66,1s.)?”

É certo que a oração para o templo de Jerusalém perdeu seu sentido entre os judeus convertidos ao cristianismo, mesmo os que não eram de origem essênia, e mesmo os que não eram, como Santo Estevão, do grupo dos helenistas. Pe. Daniélou se pergunta se os essênios não conferiam já um sentido messiânico à oração para o oriente. Segundo ele, davam grande importância ao oráculo de Balaão (Nm 24), e especialmente à contemplação do “astro que sai de Jacó” (*oriatur stella ex Jacob*. Nm 24,17), que interpretavam de forma diferente dos demais judeus, vendo na passagem o anúncio do Messias. Para eles, como para os judeus cristãos, orar *versus ad orientem* era manifestar sua fé na vinda da Aquele que viria realizar a promessa da Jerusalém celeste.

À ESPERA DO GRANDE RETORNO

Assim se operava, neste ponto, a separação entre um judaísmo que permanecera judaizante, que não ia tardar a concentrar suas esperanças na restauração da Jerusalém terrestre, ficando imóveis na tradição da oração para o lugar geográfico dessa restauração, e um judeu-cristianismo que, por um caminho diferente, ia se reunir a um pagão-cristianismo, adotando como este a oração para o oriente cósmico. Por um lado era em virtude, ao menos parcialmente, de uma reação antimilenarista, e por outro, da cristianização de um uso pagão. Em ambos os casos, porém, não se tratava se não de uma disposição prévia, uma espécie de paralelo inicial. Perspectivas mais altas, mais ricas, mais construtivas se ofereciam a esta *Lex orandi*. Fazia-lhe falta superar-se. Para uns, devia haver nela muito mais que uma reação *anti*. Para outros, o mito solar estava já totalmente abandonado pelo símbolo platônico da luz, ao que tratava de dar um conteúdo cristológico. Tal símbolo ia ser inserido na história mesma da Salvação. O oriente evocava a Ascensão de Jesus. Os olhos fixos no céu, ali onde Cristo os abandonou, os Apóstolos ouviram de dois mensageiros celestes que Ele voltaria “do mesmo modo” (At 1,9-11). Esta relação entre a partida de Cristo e seu retorno a expressaram os escultores da fachada de Chartres, na qual a Ascensão e o Cristo da visão de Ezequiel foram dois temas complementares, um ao norte e outro ao centro, enquanto ao sul se relata a história da primeira vinda de Jesus, de uma maneira muito mais teológica que episódica.

Em suma, o que os novos cristãos esperavam, antes de tudo, do oriente era o retorno em glória e majestade de Cristo vencedor e soberano juiz. Foram preparados para isso pela interpretação de alguns textos do Antigo Testamento, e sobretudo pelo ensinamento do próprio Jesus. O capítulo 24 de São Mateus justificava sua vigilante espera. Especialmente no versículo 27 se encontra a comparação com o relâmpago que sai do oriente³⁴. Digamos ainda que este texto vem aclarar o de Isaías (41,2) citado anteriormente.

UMA TRADIÇÃO DE FONTE INCONTAMINADA

Concluindo, pode-se admitir, e é por certo na opinião do Pe. Daniélou, que foi no ambiente judeu-cristão que nasceu a tradição cristã da oração para o oriente verdadeiro. Esta tradição se estabelece ao mesmo tempo pela reação contra a oração judaica para Jerusalém, por adoção de um uso provavelmente de origem essênia e por conveniência especificamente cristã. Assinalemos todavia que o tema, tão decisivo, da estrela dos *Números* tem seu equivalente no relato de São Mateus relativo aos magos, guiado até Cristo pela estrela que viram ao oriente (Mt 2,2). Esta estrela oriental, para os primeiros cristãos, vai se fixar no céu e converter-se na Cruz luminosa, sinal de glória e de salvação.

Compreende-se porque os mártires dirigiam o olhar para o oriente. Na *Paixão* das santas Perpétua e Felicidade se lê: *coepimus ferri a quattuor angelis in orientem* (Passio... XI,2-3)³⁵. Assim estava dirigido o olhar de Santo Estevão enquanto o apedrejavam.

³⁴ Pe. Daniélou faz notar que esta comparação se relaciona “com um contexto judeu que nos volta aos essênios” (op. cit., p. 96).

³⁵ O *vidimus lucem immensam* da mesma *Passio* evoca a *lux perpetua luceat eis* da missa dos defuntos (testemunhado no séc. IX em uma antífona de comunhão dos Mártires do ofício romano). Esta luz imensa e eterna, na qual descansam as almas bem-aventuradas na contemplação de Deus, toma toda seu significado no contexto cultural da Antigüidade, na época em que o universo era concebido segundo o sistema de Ptolomeu. O que para nós não é mais que uma imagem, um símbolo, correspondia então a uma profunda crença. Se representava as almas atravessando “as esferas planetárias para chegar a essa luz superior a todos os mundos, na qual encontravam a perfeita beatitude” (CUMONT, *Lux*

O uso da oração para o oriente nos meio palestino não está ligado, quanto às origens, à cristianização do mito solar pagão. Isto provavelmente explica porque foi permitido mais cedo que nos meio romano, e que fosse mais puro porque fundado sobre as Escrituras³⁶. Não terá que ser libertado de algumas contaminações pagãs ou maniqueístas como as que São Leão Magno ou Santo Agostinho terão que eliminar. Difundir-se-á rapidamente nas Igrejas do Oriente, mais cedo que nos ambientes romanos, para ser adotado em sua liturgia como na arquitetura de seus santuários. Tendo sido dissipado todo equívoco, o que foi tarefa do magistério e dos teólogos, não podia, sem deixar de ser justificado, se não enriquecer-se e engrandecer-se abrindo-se ao simbolismo da Luz divina, seguindo as pegadas de São João.

ALGUNS TEXTOS PATRÍSTICOS

Entre os gentis passados à religião cristã subsistiam hábitos, ritos e até crenças que não podiam desaparecer totalmente. Em todas as partes e em todas as épocas, os missionários da fé tiveram que enfrentar a herança de um passado que marcava profundamente os povos que estavam evangelizando. A experiência lhes mostrava que era mais fácil, mais prudente e finalmente mais eficaz cristianizar antigos mitos do que aboli-los. É sabido por todos que a mitologia antiga reaparece na iconografia paleocristã.

Quanto aos elementos da natureza, eliminados como objetos de culto, não cessaram de subsistir no cristianismo como referências e símbolos. No primeiro capítulo reunimos certo número de testemunhos sobre o simbolismo cristão da luz e do astro que a irradia. Opomos o oriente de onde nasce ao ocidente onde se apaga. Tratamos de mostrar como a oração litúrgica tem sabido acolher e exaltar o que há de significativo e de enriquecedor na realidade cósmica, interpretada como um efeito do querer divino, e que constitui um meio de aproximação a Deus. Passagem do visível ao invisível, do criado ao não criado, da criação a seu Autor. Chamado à espera, à esperança, à contemplação, à adoração. Temos aqui traços do culto solar denunciado por São Leão Magno. Seus temores tinham fundamento? O terreno sobre o qual se desenvolveu a mística cristã da luz estava enfim menos profundamente contaminado pelas contribuições exteriores³⁷ da mitologia solar do que impregnado por esta cultura greco-latina, cuja influência difusa, porém real³⁸ afirma Cyrille Vogel, e que facilitaria as correções necessárias.

Não podemos reproduzir todos os textos patrísticos relativos à comparação entre Cristo e o sol nascente, e que justificam a oração orientada³⁹. Podem ser achados nas Patrologias grega, latina e oriental. Escolhemos alguns deles.

São Justino e Santo Irineu

No séc. II, São Justino (†185 aproximadamente) é sensível à comparação entre Cristo e o oriente. Comentando o capítulo 21 dos Números, versículo 8, vê na serpente de bronze levantada por Moisés o símbolo da cruz do Salvador⁴⁰.

Santo Irineu (†202): “É ele que ilumina as alturas, ou seja, os céus. É ele que adorna a larga extensão do oriente ao ocidente”⁴¹.

perpetua, p. 188). Acaso não era uma das missões do arcanjo São Miguel escoltá-las nessa viagem através dos espaços celestes e introduzi-las na luz santa (*sed signifer sanctus Michael repraesentet eas in lucem sanctam*)? Esta *lux sancta*, que São Basílio denomina luz supercósmica (Hexaem. II, 5; P.G. 29, 41), não deve nada, escreve Santo Ambrósio, nem ao sol, nem à lua, nem às estrelas: é a da única claridade divina: *...sed sola Dei fulgebit claritas* (De bono mortis 12, 53).

³⁶ NT. No original: *...fuera de entrada más puro porque fundado de entrada sobre la Escritura*.

³⁷ NT. No original *aportes extrínsecos*.

³⁸ Rev. des Se. Religieuses, Strasbourg, n° 36, 1962, p. 175. Veja-se também do mesmo autor: *Versus ad Orientem*. La Maison-Dieu, *Sol aequinoctialis*. n° 70, 1962, p. 68, nota 2.

³⁹ Deixaremos de lado os textos patrísticos, extremamente numerosos, que se limitam a comparar a Cristo com o sol sob diversas denominações, muito especialmente a de *Sol Iustitiae*. Não levaremos em conta se não os referentes à oração para o oriente.

⁴⁰ Apologia I pro Christianis, P.G. 8, 418.

⁴¹ Démonstration de la predication apostolique, P.G. XII, 773 tradução de Padre Barthoulot.

Clemente de Alexandria

Lê-se em Clemente de Alexandria (†215 aproximadamente):

“O oriente é a imagem do dia que nasce. É deste lado também que cresce a luz, a qual em primeiro lugar faz desaparecer as trevas onde se detém a ignorância e de onde se separou o dia do conhecimento da verdade da mesma maneira como se eleva o sol. Por isto, é normal que se dirijam as orações rumo ao nascimento da manhã”.

Esta conveniência – prossegue – explica a disposição dos mais antigos templos (Stromatum., livro VII, cap. 7. P.G. IX, 482-483).

Tertuliano

Tertuliano (†240 aproximadamente) – constata e aprova o uso observado pelos cristãos de se voltarem para o oriente para rezar. Volta-se para isso em várias ocasiões: *Ad orientis regionem conversi, Deum precabantu... Ad orientis partem facere nos precationem*⁴².

São Cipriano

São Cipriano (†258) se expressa assim: Cristo é o verdadeiro sol e a verdadeira luz. Quando, ao declinar o dia, pedimos que a luz brilhe de novo sobre nós, imploramos a vinda de Cristo que nos dará a graça da eterna claridade. Ora, que Cristo seja designado como o dia é o que nos ensina o Espírito Santo nos salmos... É ele o dia que o Senhor fez; marchemos e alegremo-nos com sua luz... Cristo é igualmente designado como o sol, segundo nos atesta Malaquias.

Orígenes

Um dos textos mais importantes é o de Orígenes (†255 aproximadamente) em seu *Libellus de oratione*: “E agora, a respeito da parte do mundo para a qual se deve dirigir para rezar, serei breve. Sendo quatro essas partes: o norte, o sul, o poente e o nascente, quem pois negará que se deve indicar bem claramente o nascente, e que devemos rezar voltando-nos simbolicamente para esse lado, olhando com a alma de certo modo a saída da verdadeira luz? Se estando as portas da casa situadas não importa para que parte, alguém prefere por causa disso rezar para o lado de onde se abre a morada e sustém que a vista direta do céu o atrai mais que um muro que o esconde, no caso em que a entrada da dita casa não esteja para o oriente, é necessário responder-lhe que pela vontade dos homens os edifícios se abrem para tal ou tal parte do mundo, enquanto que é pela própria natureza que o oriente supera as outras regiões do céu. Ora, o que está na ordem natural supera o que provém de um arranjo arbitrário”.

E isso vale, segundo Orígenes, a priori para a oração de quem se encontra em campanha rasa⁴³. Se se admite – diz – que o oriente tem a prioridade, por que não admiti-lo em todas as partes? (P.G. XI, 555)

Lactâncio

⁴² *Apolog.* XVI, 9-11 (*Corpus Christian.* 1,1, p. 118); *Ad Nationes*, I, 13 (C.S.E.L. XX, 83). Cfr. P.L. I, 370, 579, 942. Leiam-se, em seguida aos textos de Tertuliano, os comentários do maurista Dom N. LE NOURRY. Este expõe uma das razões de conveniência da orientação da oração: Cristo na cruz olhava para o ocidente, era pois normal que os cristãos ao contemplar a cruz se voltassem para o oriente (*Christus Dominus in Cruce constitutus ad Occasum respiciebat, inde Christus tamquam defixis in Christum oculis versus Orientem se obvertebant*). Teremos que voltar sobre esta conveniência mística da oração orientada a propósito da disposição interna das igrejas.

⁴³ NT. O original traz *campanha rasa* e existe no português a expressão *campanha rasa*. Não consegui, entretanto, compreender o significado. Campanha pode significar batalha, acampamento militar, planície.

Lactânio (250 ~ depois de 317) explica porque convém orar para o oriente: “*Desta terra, [Deus] constituiu duas partes contrárias e opostas uma à outra, a saber, oriente e ocidente. O oriente está iluminado por Deus, Ele mesmo fonte da luz, iluminador de todas as coisas. Ele nos faz entrever a vida eterna. O ocidente, pelo contrário, se atribui ao espírito turvo e vicioso, porque esconde a luz, porque traz sempre as trevas e faz que os homens sucumbam ao pecado.*”

A luz vem do oriente e a vida tem seu princípio na luz. As trevas estão no ocidente, e nas trevas estão a morte e a destruição”⁴⁴.

São Jerônimo

Interroguemos a São Jerônimo (347~419). No livro segundo de seu comentário sobre *Habacuc*, compara Cristo com o Sol de justiça que ilumina a Igreja.

Comentando *Zacarias*, escreve: “*O Senhor não se adiantará ao declinar o dia, na proximidade das sombras da tarde, como o fez, lemos, com Adão (cf. Gn 3,8). E quando se detiver, não será nos vales e nas depressões, mas sobre a montanha... E esta montanha está junto a Jerusalém, do lado do oriente, de onde vem o Sol de Justiça*”⁴⁵.

Mais incisiva e precisa é esta passagem de seu comentário sobre Amós (livro III), na qual recorda primeiramente os versículos 33 e 34 do Sl 68: “*Cantai os louvores de Deus, fazei ressoar cânticos à glória do Senhor que subiu sobre todos os céus para o oriente*”⁴⁶.

E logo escreve: “*Daqui vem que, em nossos mistérios, renunciemos primeiramente aquele que está no ocidente e que morre em nós com os pecados, e, voltando-nos para o oriente, nos aliemos ao Sol de justiça e prometamos servi-lo a partir de então*”⁴⁷.

São Cirilo de Jerusalém

Essas palavras são um eco das de São Cirilo de Jerusalém (313~386): “*Quando renuncias a satanás, abolindo todo pacto com ele (cf. Is 28,15) e todas as velhas alianças com o inferno, então se abre para ti o paraíso de Deus, que Ele plantou ao oriente (Gn 2,8), do qual, depois de ter violado o mandamento de Deus, foi expulso nosso primeiro pai. E em razão desse símbolo te voltaste do poente para o oriente, que é a região da luz. E então é quando debes dizer: ‘Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo, e em um batismo de penitência’*”⁴⁸.

OS OPOSITORES

Houve sem dúvida quem se opusesse à orientação da oração, por exemplo, Minúcio Félix no fim do séc. II (*Octavius*, XXXI,2), Arnóbio no início do séc. III (*Adversus gentes*, lib. IV, cap. V. P.L. 5,1011-1013).

Em um de seus sermões assim se expressa Eusébio de Alexandria:

“*Ai daqueles que veneram o sol, a lua e as estrelas! Sei que são sem dúvida numerosos os que adoram o sol e o invocam. Pois rezam para o sol nascente dizendo: Miserere nostri! Não fazem isso como heliognósticos e hereges, mas verdadeiramente como cristãos. Se esquecem de sua fé para se misturar com os hereges. Por que no lugar do Autor do céu, do sol, da lua e das estrelas adoras as suas criaturas? É inadmissível servir a criatura antes que ao Criador. Pois está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e a ele servirás (Dt 6,13). Maldito seja quem adora o sol, a lua e as estrelas e qualquer outra coisa que foi criada, no lugar dAquele que a criou*” (P.G. 86, 453).

Por toda parte se encontra novamente o mesmo temor de contaminação pagã ou herética. E é isto o que explica as aparentes contradições de Santo Agostinho.

⁴⁴ *Divinarum Institutionum*, lib. II: De origine erroris, cap. X. P.L. VI, 307.

⁴⁵ P.L. XXV, 1524.

⁴⁶ Algumas traduções recentes trazem: *Reinos da terra, cantai à glória de Deus, cantai um cântico ao Senhor, que é levado pelos céus, pelos céus eternos.* A Vulgata e a Nova Vulgata trazem *caelum caeli ad orientem.*

⁴⁷ *Oeuvres complètes*, publicadas pelo abade Bareille, t. 8, Paris, 1879, p. 455.

⁴⁸ *Catechesis XIX, Mystagogica I*, P.G. 33, 1074.

A OPINIÃO DE SANTO AGOSTINHO

A atitude de Santo Agostinho (354~430) pode ser comparada à de São Leão que pouco mais tarde devia reagir contra um costume que já dissemos por que lhe parecia equívoco.

Santo Agostinho, como o fará São Leão, põe os cristãos em alerta contra o perigo de transformar em objeto de culto real o que não passa de um sinal, um símbolo. Tinha para isso uma boa razão: seu conhecimento sobre a heresia maniqueísta e sua luta contra esta. Se não esteve verdadeiramente envolto entre os discípulos de Mani, manifestou por sua doutrina um interesse, até mesmo uma simpatia da qual se acusa por outro lado em suas Confissões. No capítulo VI do livro III (§10) se lê: *“... e os manjares que serviam a meu apetite de verdade eram, em Teu lugar, a lua e o sol, obras mestras de tuas mãos, entretanto tua obra, e não tu, e nem ao menos tua obra suprema: pois tuas criaturas espirituais são ainda mais excelentes que esses corpos resplandecentes de luz e que giram nos céus”*.

Desde o começo de seu sacerdócio devia reagir vigorosamente contra os maniqueus. Sua desconfiança em relação a eles, traduz-se, um ano depois de sua ordenação, em seu debate público com Fortunato: *“Na oração a que assisti lhe disse que não vi nada contrário à decência, porém pude notar e convencer-me de que havia algo contrário à fé, ainda que fosse apenas a obrigação de se voltar para o sol para orar”*⁴⁹.

Foi, sobretudo depois de sua ascensão ao episcopado, em Hipona, que escreveu sua requisitória mais severa contra o maniqueísmo. Desenvolve-se ao longo dos 33 livros de sua obra *Contra Fausto o maniqueu*. Eis aqui alguns extratos: *“Quanto a vós, se vosso coração, no lugar de se entregar à cobiça dos puros fantasmas corporais, soubesse abrir-se ao amor dos bens espirituais e invisíveis, não seríeis vistos”*⁵⁰, *para citar um fato bem conhecido, adorando a esse sol material como se fosse a substância divina e o esplendor da sabedoria*” (Livro V, cap. 11).

“Que aqueles que adoram o sol material já não se orgulhem e que saibam que Cristo é às vezes designado como o sol, como um leão, um cordeiro, uma pedra, simplesmente em forma de comparação e não no sentido literal” (Livro XII, cap. 22).

No livro XIV, cap. 11, Agostinho recorda que Moisés proibiu adorar o sol e a lua (Dt 17,3), esse sol e essa lua *“que vós seguís em seu curso, girando para todos os sentidos para adorá-los”*.

O livro XX, cap. 2, contém a resposta de Fausto a Agostinho e precisa sua curiosa doutrina: *“Adoramos uma só e mesma divindade sob a tríplice invocação do Pai, todo-poderoso, de Cristo, seu Filho, e do Espírito Santo. Porém cremos que o Pai habita na luz mais elevada, a luz principal, a que Paulo chama inacessível (1Tm 6,16); que o Filho reside em nossa luz secundária e visível, e como Ele mesmo é duplo, segundo o que o Apóstolo reconhece ao dizer que Cristo é a virtude e a Sabedoria de Deus (1Cor 1,24), cremos que sua Virtude habita no sol e sua Sabedoria na lua...”*.

Agostinho fica indignado. No capítulo 6 do mesmo livro XX, declara preferir em última instância aos pagãos, que sem dúvida *“adoram corpos que não se devem adorar”*, porém corpos *“que ao menos são reais”*; enquanto – diz – vós, maniqueus, nem sequer adorais *“a esse sol material que vossa oração acompanha em seu curso”*. Pois, longes de tomar o sol pelo que é, eles fazem dele uma abominável ficção: *“Dizeis dele coisas tão falsas, tão abomináveis que, se ele pudesse vingar essas injúrias, vos consumiria vivos. Primeiramente, fazeis dele uma espécie de navio, de maneira que não vos extraviáveis somente, como se disse, em toda a altura do céu, mas que navegaís nele. Em seguida, por mais que apareça redondo aos olhos de todo o mundo e que esta forma esteja em perfeita relação com a dignidade e a posição que ele ocupa, pretendeis que é triangular, isto é, que sua luz ilumina o mundo e a terra passando por uma espécie de janela aberta em triângulo. Isto faz com que vos agacheis, é verdade, e que inclineis a cabeça diante deste astro, porém que, no lugar de um sol redondo, com um globo tão luminoso, adoreis não sei que navio fruto de vossos sonhos, do qual a luz escapa através de uma abertura triangular”*.

O capítulo seguinte comporta uma dissertação sobre a luz material, a luz da razão e a luz divina.

⁴⁹ Contra Fortunato., P.L. 42, 113-114.

⁵⁰ No original se lê: *no se os vena, que penso ser na verdade no se os veria*.

No livro XXII se encontra uma exposição doutrinal sobre: luz não criada e luz criada; Deus é luz e fonte de toda luz; qual luz Deus criou? Deus nunca esteve nas trevas.

Em outro relato, comentando o *Ego sum lux mundi* (Jo 8,12), Santo Agostinho volta à heresia maniqueísta: “*Há mais de um que diz a si mesmo: o Senhor Jesus Cristo seria o sol cuja saída e o caso formam a medida de nossos dias? Vários hereges o pensaram: com efeito, os maniqueus viam a personificação de Cristo neste astro cujos raios ferem nossa vista... Porém a verdadeira fé da Igreja Católica rechaça semelhante tolice... Não vamos pois ver a Jesus Cristo nesse sol que se levanta diante de nosso olhos no oriente para se pôr no ocidente... Não! O Salvador Jesus não é o sol, não, não é este astro saído do nada; Ele é o seu criador*” (In Joann. tractatus XXXIV. P.L. 35, 1652 ss.).

Estes textos são indispensáveis para situar a posição de Santo Agostinho. Ele tinha que fazer frente às aberrações dos maniqueus, por um lado, e ao culto pagão do sol, por outro. Em sua *Cidade de Deus* (XIX, 23) denuncia um eventual contra-senso: em *nisi Domino soli*, se trata de *Dominus solus* (somente o Senhor), e não de *dominus Sol* (o Senhor/Deus Sol)⁵¹.

Concluindo, Santo Agostinho põe os fiéis em alerta contra certas atitudes: “*Não dirijas teus olhares para as montanhas, não eleves os olhos para a lua, o sol ou as estrelas... Purifica somente o interior*⁵² *do teu coração*” (Tratado sobre o Evangelho de São João, P.L. 35,1487).

Não é por isso que deixa de ser menos sensível ao autêntico simbolismo da luz. Assim se expressa em seu Sermão 190, para o dia do Natal: “*O dia de seu nascimento é o emblema misterioso da luz que Ele vem espargir... Devendo diminuir à medida em que crescera a fé essa infidelidade que se havia abatido sobre o mundo inteiro como uma noite espessa, é por tal razão que no dia do nascimento de Jesus Cristo a noite começa a decrescer e a luz a crescer. Que esse dia, irmãos, seja pois para nós u dia solene. Celebre-mo-lo, não como os infiéis atentos ao sol, mas em consideração Àquele que criou o próprio sol... Acaso Ele não domina hoje o sol ao qual rendem honras divinas os cegos que não saberiam contemplar o verdadeiro Sol de justiça?*”

Angustiado, por uma parte, pelo risco de ver os cristãos se perderem no retorno ao mito pagão do sol ou na heresia maniqueísta, e, por outra, por esse sentido profundo e esse gosto pelo símbolo que são um dos traços característicos de seu espírito, Santo Agostinho se vê evidentemente obrigado a adotar a atitude de sabedoria e de prudência que tais circunstâncias lhe impõem. Isto é percebido muito bem em seu comentário ao *Sermão da montanha*, segundo São Mateus:

- Convida os fiéis a buscar a Deus antes no espírito que num corpo celeste: *magis eum quaerant in anima quam in corpore etiam caelesti*.
- Os céus nos quais habita nosso Pai são antes de tudo os “*corações dos justos*”, onde “*Deus reside como em seu templo*”: *in cordibus iustorum... tamquam in templo suo sancto*. Ele, a propósito do *Pater noster*, *qui es in coelis*.
- Não deixa porém de escrever por causa disso, e o que segue é muito importante: “*É para expressar este pensamento que, quando oramos, nos voltamos para o oriente unde coelum surgit. Não que Deus habite ali e tenha abandonado as outras partes do mundo, Ele que está presente em todas as partes... mas porque o espírito se vê assim chamado a dirigir-se para o que há de mais perfeito, já que o corpo, que é terrestre, se dirige para a substância mais eminente, que é o céu*”⁵³.

E segue um comentário sobre Cristo, luz do mundo.

Este *ad orientem convertimur* se junta com o *conversi ad Dominum* do segundo sermão em honra de São Cipriano e com todas as fórmulas semelhantes encontradas por Cyrille Vogel em 47 sermões autênticos de Santo Agostinho. Certamente, não se poderia colocar o grande doutor entre os adversários da oração orientada.

Todo isto mostra que, aprovado ou não, o povo cristão tinha adotado muito cedo o costume de orar para o oriente cósmico e que o havia feito espontaneamente. Quaisquer que tenham sido as

⁵¹ Trata-se do texto de Êxodo 22,20: *Sacrificans iis eradicabitur nisi Deo soli* (Aquele que oferecer sacrifícios a outros deuses fora do Senhor, será votado ao interdito).

⁵² NT. No original: *la camara*.

⁵³ *De sermone Domini in monte, secundum Mathaeum*, lib. II, cap. V, P.L. 34, 1277.

“motivações” iniciais deste costume e as advertências de que fora objeto, este ia se impor e se generalizar. Enquanto prática cultural, o Pe. Daniélou o data “*dos começos do século segundo*”, e Cyrille Vogel estima que era aplicado “*aproximadamente desde o ano 200, e talvez desde o começo do século segundo, tanto no Oriente como no Ocidente*”. Plínio o jovem, o amigo de Trajano, o atesta em uma época que corresponde ao final da vida de São João Evangelista (Epist. X, 96, 6-7). Uma vez mais triunfaria a *lex orandi*, e esta lei iria reger não só a oração privada, mas a liturgia e a arquitetura dos edifícios sagrados, ao mesmo tempo que sua disposição interior.

Nos capítulos seguintes nos propomos a examinar as implicações litúrgicas e arquitetônicas, dito de outra maneira, as provas culturais, da orientação na Igreja universal.

CAPÍTULO 3

Arquitetura e orientação

PRIMAZIA DA ORIENTAÇÃO

Se se deseja esquematizar os dados históricos relativos à arquitetura e à disposição interior das igrejas cristãs, primeiramente se deve afirmar como princípio geral, desde a origem, que a construção dos edifícios se ordenou segundo o eixo leste-oeste. As únicas derrogações a este princípio, e estas são raras, dependem de um caso de força maior: adaptação cultural de uma construção pré-existente ou restrições impostas pelo marco urbano.

Note-se bem que esta disposição do eixo é comum às duas direções: leste-oeste. No primeiro caso o presbitério se encontra no nascente, no outro, no poente. Porém, por paradoxal que seja, estes dois partidos, diametralmente opostos, respondem na realidade a uma mesma preocupação: a busca da orientação cósmica, ou seja, da iluminação pelo sol nascente. Quando, em Jerusalém, Constantino fez construir a basílica do Santo Sepulcro sobre o Gólgota, a fundou ao oriente da gruta onde Cristo foi enterrado, porém exigiu que suas três portas se abrissem para o leste. É o que nos afirma Eusébio de Cesaréia em sua *Vida de Constantino* (livro III, cap. 25). Não fazia nada mais que se conformar ao uso dos templos pagãos, fechados ao oeste, abertos ao leste, iluminados de tal maneira que o sol nascente viesse a golpear o rosto do deus no dia em que se celebrava sua festa (cf. “Uma voce”, nº 63, p. 101). O eixo do templo pagão estava estudado de tal maneira que no dia da festividade se confundisse estreitamente com o eixo da trajetória solar. Era essa uma maneira rigorosa de compreender e de aplicar a orientação cósmica.

AS PRIMEIRAS BASÍLICAS ROMANAS

Não é de surpreender que a disposição adotada em Jerusalém por Constantino tenha prevalecido em um grande número das mais antigas basílicas cristãs de Roma e que, conseqüentemente, tenham sido ocidentadas. E isto ao mesmo tempo explica sua disposição interna, especialmente a colocação do altar que, este sim, estava invariavelmente orientado. Voltaremos a esta constante da orientação do altar. O celebrante estava sempre voltado para o leste, qualquer que fosse o lugar da abside. Não tinha que se preocupar com a rotação axial de 180 graus, que fazia passar um edifício ocidentado a um edifício orientado, se não para cumprir certos gestos litúrgicos. Em suma, a questão de saber se o altar devia estar ou não de frente para o povo nem sequer se fazia⁵⁴. Este é um falso problema inventado por nossos liturgistas modernos. Qualquer que fosse a distribuição dos fiéis no edifício, o altar estava invariavelmente *versus ad orientem*. Só isso contava.

Dos estudos de Mothes e de Nissen⁵⁵, mencionados por Cyrille Vogel, resulta que “sobre um total de 53 igrejas anteriores a 420 aproximadamente, 37 têm a abside no oeste, 11 no leste, 2 no norte e 3 estão indeterminadas”⁵⁶. Veremos que a partir do séc. V a proporção se inverte em favor da verdadeira orientação da abside.

Nas basílicas ocidentadas, com altar mais ou menos central, a abside não podia ter o mesmo significado que nas igrejas orientadas. Esta teve a mesma função da abside da basílica civil. Na época constantiniana, quando o alto clero participa da dignidade dos funcionários superiores do Império, o bispo terá seu lugar de honra ao fundo dessa abside, como presidente da assembléia cristã, imitando um alto magistrado ou o próprio imperador. Como este, estará rodeado de seus assistentes, dispostos em semicírculo ao redor de si (*synthronon*). Disposição da qual não se pode dizer que tenha sido particularmente feliz, posto que separava claramente o bispo e seu clero dos fiéis, e, prestando-se a ele⁵⁷ o ritual honorífico, consagrava uma hierarquia clerical que tendia a derivar a si mesma as honras devidas somente ao altar. Disposição infeliz certamente que faz que o

⁵⁴ NT. No original: *se planteaba*.

⁵⁵ NT. O texto traz um número de referência, mas falta o texto da referência.

⁵⁶ *Versus ad Orientem*, La Maison Dieu, nº 70, 1962, p. 80, nota 39.

⁵⁷ NT. O bispo ou o clero?

altar separe ao invés de unir. E esta é por certo uma das reclamações (entre outras muitas) que se podem fazer em nossos dias sobre o altar de frente para o povo, a de ser, como escreve o Pe. Bouyer, “*uma barreira entre duas castas cristãs*”⁵⁸. Isto é particularmente sensível na primeira parte da Missa, a chamada Liturgia da Palavra, quando se vê que o celebrante não vacila em ficar ilhado em sua poltrona “presidencial”, mais ou menos detrás do altar, quando não o domina claramente vários degraus mais acima. Aqui verdadeiramente é onde se pode falar de “*contra-senso*”, como o põe em relevo por outra parte o Pe. Bouyer, ao denunciar a estupidez que consistiria em considerar como “*ideal*” uma “*celebração em que se defrontariam sacerdotes e fiéis*”⁵⁹. Numa época em que se comprazem em denunciar o clericalismo de outrora, não há aqui um verdadeiro neoclericalismo?

Quando as igrejas latinas adotaram, em sua grande maioria, a orientação real, o *synthronon* absidal em geral desapareceu. Sem dúvida, até na plena Idade Média houve catedrais que conservaram na mesma posição um banco semicircular de pedra, junto da abside, com o assento do bispo (a *cathedra*) em seu centro. Foi o caso especialmente das catedrais do vale do Ródano: Lião, Viena, la de Vaison, Notre Dame des Doms em Avinhão e também de várias igrejas episcopais da Catalunha. O trono do bispo deve ter subsistido, ao menos como vestígio, na abside de catedrais como as de Autun, Chartres, Reims, Toul, Verdun, etc. No séc. XIII, escreve Marcel Durliat, “os arcebispos de Lião e de Viena continuam ocupando um trono no fundo da abside, detrás do altar”⁶⁰.

Este mesmo autor faz notar muito justamente que “a instalação dos grandes retábulos atrás do altar-mor foi uma das causas que fizeram abandonar este antigo costume onde ele poderia ter permanecido”.

Porém – e é o único fato importante – em todas essas igrejas que estavam regularmente orientadas, o celebrante, quando chegava ao altar, o rodeava e se punha à frente dos fiéis, diante deles, para a celebração eucarística. Os que estavam na nave e no coro oravam juntos dirigindo-se para o altar e, portanto, para o Oriente.

AS PRIMEIRAS IGREJAS DO ORIENTE

Uma vez mais é necessário interrogar as igrejas do Oriente para voltarmos a encontrar em suas fontes mais autênticas a elaboração de uma tradição cristã ligada, por indiscutível filiação, às tradições judaicas. Sem dúvida, como dissemos, a orientação tomou um significado muito distinto. Sem dúvida, sobretudo o culto cristão difere profundamente do culto judaico em sua finalidade. Porém, no que concerne particularmente às igrejas da Síria, pode-se dizer, com o Pe. Bouyer, que estas aparecem “*como uma versão cristianizada da sinagoga judaica*” (*Architecture et Liturgie*, p. 28).

O estudo arqueológico das igrejas sírias continuou avançando nos últimos anos. Ele pôs em relevo certo número de características fundamentais, solidamente estabelecidas. Jean Lassus, em seu livro sobre *Les sanctuaires chrétiens de Syrie* (Paris, 1947) chega às seguintes conclusões:

- Todas as basílicas sírias dos primeiros séculos têm sua abside ao leste. Duas exceções somente: a grande igreja octogonal de Antioquia, resultando de uma imposição urbana, e a igreja de Baalbek, que foi reorientada mais tarde.
- Nenhum sinal de *synthronon*. Nenhum sinal de fixação de banco⁶¹ junto à parede absidal.
- O altar estava ou junto da parede da abside ou demasiado perto dela como para que não se pudesse colocar um assento por trás⁶².

⁵⁸ Louis BOUYER, *Architecture et liturgie*, Edit. du Cerf, 1967, p. 95.

⁵⁹ Louis BOUYER, *Le rite et l'homme*, Edit. du Cerf, 1962, p. 241.

⁶⁰ Marcel DURLIAT, *Recherches sur l'enplacement des trônes épiscopaux dans les cathédrales du moyen âge*, La Maison Dieu, n° 70, 1962, pp. 100-104.

⁶¹ NT. No original a frase continua *o de estalo*, sendo que não encontrei tradução para esta última palavra, podendo estar com erro de grafia.

⁶² NT. No original não há o *não*, mas é o sentido mais apropriado para o contexto.

- A abside está iluminada, ao contrário das absides cegas das basílicas romanas. A presença de uma janela axial, freqüentemente baixa, exclui a possibilidade de instalar neste lugar um assento episcopal.
- A proximidade da parede absidal eliminava a eventualidade de uma cerimônia litúrgica do outro lado do altar.
- Tudo bem considerado, o autor estima que não havia outras possibilidades para o sacerdote celebrante a não ser a de se colocar “*como os fiéis de frente para o leste, ou seja, dando-lhes as costas*”⁶³.

Nestas condições, estando suficientemente demonstrada a ausência do *synthronon* absidal, onde se podia encontrar o assento do bispo ou de seu representante?

Justamente na relação de filiação da liturgia cristã com o culto judaico é que se encontra a resposta. O trono episcopal, escreve, J. Dauvillier, “*simboliza o lugar onde se sentava o Sumo Sacerdote, filho de Aarão, de frente para o santuário, para o Oriente. Está, pois, dirigido rumo à abside. O bispo está rodeado de seus sacerdotes, que estão igualmente sentados, sem dúvida de um lado e outro do trono*”⁶⁴. “O assento do bispo, acrescenta o Pe. Bouyer, tomou o lugar da cátedra de Moisés”⁶⁵.

As escavações arqueológicas e a exegese dos antigos textos antigos sírios colocaram em evidência a existência, no centro do edifício cristão, de uma plataforma rodeada de uma vala, sobre a qual estava organizado um lugar sagrado. Esse lugar é o *bema*, que corresponde integralmente ao *bimah* das sinagogas, cuja mais antiga menção escrituraria se encontra no livro de Neemias (8,4), onde vemos que era o lugar da leitura da Lei.

O *bema*, em sua forma típica, é uma espécie de amplo pódio retangular, na nave, rodeado por uma bancada, por sua vez assento e vala. Esta bancada se abre à frente, ou seja ao leste, para o altar, porém está fechada ao oeste por uma verdadeira contra-abside semicircular, com um degrau e um assento central. Aí se encontrava o trono do bispo, no centro, de frente para o leste, e se sentava o clero durante a proclamação da Palavra. Justamente no interior do *bema* se encontravam os leitores e se liam os textos sagrados. Partindo do *bema*, o bispo e seus assistentes se dirigiam processionalmente para o altar para celebrar os santos mistérios. Tudo isto está perfeitamente descrito por Dennis Hickey numa recente publicação⁶⁶.

Que simbolismo admirável! O bispo em sua sé na nave, em meio ao clero, na extremidade ocidental do *bema*, rodeado de seu povo, escutando primeiramente como este a Palavra de Deus, logo conduzido por ela ao altar do Santo Sacrifício, à mesa eucarística, de frente para o leste, de frente para o *Sol Iustitiae*, e isto numa marcha processional que é um caminhar ao encontro do Senhor. E nesta procissão está acompanhado dos fiéis, que também se aproximam do altar. Que riqueza e que dinamismo! Isto é a orientação. Não somente um olhar para um ponto geográfico, mas uma ação litúrgica, um movimento da assembléia rumo ao lugar sagrado onde se realizará, pelo ministério sacerdotal, a união do Senhor e de seu povo.

DA SÍRIA PALEOCRISTÃ AO OCIDENTE MEDIEVAL

Quando se compara o plano de uma igreja românica francesa com o de uma igreja Síria do séc. IV ou V, alguém certamente se vê obrigado a admitir que há entre elas mais afinidades e semelhanças que entre a mesma igreja medieval e uma basílica romana⁶⁷ da era constantiniana. Encontra-se ali uma igual sensibilidade à orientação verdadeira que governa de vez a localização da abside e o lugar do altar. Tudo passou como⁶⁸ se nossa arte, já que não de construir, ao menos de

⁶³ Conclusão igual em F. WIELAND, *Altar und Altargrab der christlichen Kirchen im 4. Jahrhundert*, Leipzig, 1912, p. 146.

⁶⁴ L'Ambon ou Béma dans les textes de l'Eglise Chaldéene et de l'Eglise Syrienne au moyen âge, Cahiers Arqueologiques, VI, 1952, p. 15.

⁶⁵ Architecture et Liturgie, p. 33.

⁶⁶ *The Ambo in early liturgical planning. A study with special reference to the Syrian Bêma*, The Heythrop Journal, Oxford, vol. VII, oct. 1988, pp. 407-427.

⁶⁷ NT. O original traz a palavra *remarte*, que supus ser *romana* com os erros de grafia da digitalização.

⁶⁸ NT. O original traz a palavra *ronano*, que não existe e que supus ser *como* com erros de grafia.

ajustar as igrejas, de estruturá-las, se tivesse formado no Oriente e, recebendo pelo Oriente a herança ao menos parcial das tradições hebraicas, tivesse passado por cima das formas romanas de adaptação de basílicas civis para o culto cristão, fórmulas por outra parte temporárias e nem sempre felizes, com as que não tínhamos nada o que fazer.

Que devíamos ao Oriente, há muito tempo que Émile Mâle e outros o demonstraram. O Oriente cristão (dissemos suficientemente) é quem nos transmitiu a fórmula mais justa, mais pura e melhor fundada da orientação cósmica. Uma fórmula liberta e libertadora em matéria de arquitetura religiosa, no sentido de que, conformando-se a ela de uma vez, evitam-se, no desenrolar dos ritos litúrgicos, certos movimentos das pessoas, certas atitudes incômodas e deselegantes que mostravam bem o inconveniente de pretender conciliar o que era dificilmente conciliável, por ser praticamente contraditório, nas basílicas constantinianas ocidentadas, a saber: a situação do altar em relação À assembléia e a obrigação para todos, proclamada pelos textos das disposições da Igreja, de se voltarem para o Oriente para rezar, ao menos em certos momentos da liturgia eucarística.

É de se acreditar que isso foi compreendido bastante rapidamente em Roma e nas regiões de influência romana como Itália e África do Norte, posto que estatísticas como a de Mothes, referente às igrejas construídas entre o ano 420 aproximadamente e o ano 1000, revelam que 2/3 delas estavam verdadeiramente orientadas, com abside ao leste e fachada ao oeste (cfr. *Maison-Dieu*, n° 70, p. 80, nota 39). Do outro lado dos Alpes a proporção será ainda muito maior, e se pode dizer que na França as igrejas medievais, em sua quase totalidade, tinham seu presbitério ao leste. Constituíam assim uma referência precisa para os viajantes “*desorientados*”.

Há, contudo, outra herança de que devemos falar: a do *bema*. Recordemos que as primeiras igrejas sírias o tomaram da sinagoga. Nós o adotamos. Se converteu no coro de nossas igrejas ocidentais. A única diferença é que o *bema*, lugar da Palavra, estava situado em plena nave, bastante distante do altar, lugar do Sacrifício (daí a marcha processional de um lugar para o outro, cujo admirável simbolismo temos exaltado), enquanto que o coro se abre diretamente, ao menos na maioria das igrejas paroquiais, no santuário onde acha o altar. Porém a função é idêntica. No coro, como no *bema*, estão os assentos do clero e as estantes para as leituras. Está também o grupo dos cantores, o Chorus *psallentium* (*chorus* = coro). Este, certamente, é apenas um esquema. Haveria espaço para matizá-lo e completá-lo, falar do ambão e do púlpito, se nosso estudo tivesse por objeto o lugar da Palavra. Não é nosso propósito. Buscamos apenas pôr em evidência aquilo que, na estrutura de nossas igrejas, responde à lei da orientação. É o caso desta evolução do *bema*, atraído de certa maneira para o leste, até o altar absidal para se converter no coro.

Que esta lei da orientação tenha regido a arquitetura religiosa medieval é o que se desprende, não apenas das constatações feitas pelos arqueólogos e os historiadores da arte, mas dos textos patrísticos, como os de **Honório** chamado **de Autun**, no séc. XII (*De situ ecclesiae*, em *Gemma Animae*, lib. I, cap. 129, P. L. 172, c. 586); de **Siccard de Cremona**, pelo fim do séc. XIII (*De fundatione Ecclesiae*, em *Mitræ I*, cap. II, P. L. 312, 17); de **Guilherme Durand de Mende**, no séc. XIII (*Rationale divinorum officiorum*, libro V, cap. 2, n° 57). Desde a época carolíngia, **Walafrid Strabon** (†849) afirmava, em seu *De rebus ecclesiasticis*, que era regra no país franco o conformar-se à orientação e, por conseguinte, situar ao leste o presbitério e o altar. Regra tão fielmente seguida que os arqueólogos, como o recorda Lasteyrie, designam correntemente por sua localização ao norte ou ao sul as naves laterais das igrejas⁶⁹.

Esta regra, para os grandes edifícios, se aplicava não somente ao altar-mor, mas aos altares secundários das naves laterais e dos braços do cruzeiro. Estes estavam sempre juntos à parede oriental das capelas ou situados nas pequenas absides abertas na parede oriental do cruzeiro.

⁶⁹ *L'Architecture religieuse en France d'époque romane*, 2ª ed., Paris, Picard, 1929, p. 75.

CAPÍTULO 4

Orientação e ornamentação das igrejas

DILEXI DECOREM DOMVS TVÆ

“Senhor, amo a beleza⁷⁰ de vossa casa, e o tabernáculo onde reside a vossa glória”: este versículo 8 do Sl 25 estavam todos os dias nos lábios do sacerdote no momento do *Lavabo*, na Missa tradicional. O novo Ordo⁷¹ acreditou fazer bem suprimi-lo. É verdade que a igreja já não é a casa de Deus, mas do povo. Quanto a sua beleza, quem de verdade se preocupa com ela? O essencial não é ser “funcional”?

E sem dúvida não é apenas o Sl 25 que assim se expressa. Assim está toda a liturgia da Dedicção, começando pelo Intróito da Missa, tirado do Gênese (28,17). *Hic domus Dei est, et porta caeli*⁷²: a igreja é ao mesmo tempo a casa de Deus e a antecâmara do céu. A leitura do capítulo 21 do Apocalipse a proclama a casa de Deus entre seu povo (*tabernaculum Dei cum hominibus*). A escolha dos textos escriturísticos desta festa da Dedicção é admirável, e quão significativa é, por exemplo, a antífona da Comunhão, que é também a segunda das Vésperas: “Minha casa será chamada uma casa de oração” (Mt 21,13). A esta casa corresponde a santidade para todos os tempos (*decet sanctitudo in longitudinem dierum*⁷³) como o afirma a primeira antífona das Vésperas, tirada do Sl 92 (versículo 5). A santidade, mas também a beleza: *sicut sponsam ornatam*⁷⁴ (Ap 21,2), *Regina formosissima... Caeli corusca civitas*⁷⁵ (hino das Vésperas).

Em função destas verdades fundamentais se harmonizava o esforço conjunto dos arquitetos e dos decoradores de nossas igrejas. Vendo a estes cobrirem as paredes com mosaicos e pinturas, ou criar seus admiráveis vitrais, não se pode evocar menos que uma passagem do Apocalipse que forma a quinta antífona das Vésperas da Dedicção: *Lapides pretiosi omnes muri tui, Ierusalem*⁷⁶ (Ap 21,19), esta Jerusalém descida do céu, que o próprio São João viu (Ap 21,2), como o recorda o capítulo das Vésperas.

UM ORNAMENTO HIERARQUIZADO

Não se teria, entretanto, mais que uma idéia incompleta do que foram a arquitetura e a decoração das igrejas se alguém se limitasse a submetê-las a uma análise cronológica e segmentaria, que só resultaria num melhor conhecimento da arte religiosa em suas formas, suas técnicas e seus temas, e isso de uma época e de uma região a outras épocas e a outras regiões.

Há mais a ser descoberto e ninguém pode chegar a isso se não for estabelecendo a questão da própria disposição das formas e das imagens precisamente em relação à mística do edifício sagrado como *domus Dei cum hominibus* e como *porta caeli*.

Esta mística é reflexiva. Consiste primeiramente em uma tomada de consciência do espaço sagrado, onde tudo se submete ao pólo dominante que é a abside orientada. Mesmo se as paredes laterais estivessem vazias, ou mais exatamente desprovidas de temas figurativos, a abside, esta sim, era adornada obrigatoriamente com referências que a definem. É o caso, por exemplo, de Santa Sabina de Roma, na qual somente a abside é figurativa.

Em plena Idade Média francesa se constata esta prioridade de decoração concedida ao presbitério da igreja. Quando uma igreja rural não tem os meios para se oferecer um conjunto de vitrais figurativos em cores, reserva-os para o presbitério e se contenta com *grisallas*⁷⁷ para as naves laterais. Isto é certo não apenas nas igrejas rurais, mas também nas igrejas abaciais, como Saint-

⁷⁰ NT. A Nova Vulgata traz *habitaculum* no lugar de *decorem*.

⁷¹ NT. *Ordo Missae* = Ordinário (Rito) da Missa.

⁷² NT. Esta é a casa de Deus e a porta do céu.

⁷³ NT. Pertence-lhe a santidade por longos dias (ou pela duração dos tempos, para sempre).

⁷⁴ NT. Como uma esposa ornada.

⁷⁵ NT. Ó tão formosa rainha... ó brilhante cidade do céu...

⁷⁶ NT. Jerusalém, teus muros são [de] pedras preciosas.

⁷⁷ NT. É um tipo de pintura monocromática com tons acinzentados ou semelhantes que dão a impressão de alto relevo. Não encontrei o vocábulo correspondente em português.

German-desPrés (segundo testemunho de Sauval, nas *Antiquites de Paris*, em 1724, para a capela da Virgem) ou em catedrais como a de Metz (de que temos o testemunho do Capítulo em 1524). Na verdade é a abside que atrai e deve atrair o olhar: os cônegos de Metz o afirmam claramente.

A abside orientada evoca o céu. Será reservada obrigatoriamente para uma imaginária celestial. Isto é válido não só para as igrejas do Oriente, mas para as absides de nossas igrejas românicas. O sacerdote, ao celebrar no altar, verá, se levantar os olhos, alguma representação simbólica da glória celestial, alguma evocação teofânica em relação com a Escritura. Celebrará verdadeiramente de frente para Deus. Quem não sente que tal disposição convém admiravelmente a tantos textos do Ofertório e do Cânon?

Já temos assinalado alguns dos temas iconográficos da abside. Retomaremos o assunto a propósito do mais antigo deles: a Cruz, pois convém dar às cruzes absidais seu verdadeiro significado.

Por outra parte, faz tempo que se assinala que as cenas do Antigo Testamento ocupam preferencialmente o lado setentrional⁷⁸ das igrejas, e as do Novo Testamento o lado meridional⁷⁹.

Finalmente, que haja uma relação entre os temas iconográficos da abside e os da fachada ocidental ou do nártex, é o que diremos em seguida.

A EXEMPLARIDADE DO ORIENTE CRISTÃO

André Grabar mostrou como, nas igrejas bizantinas, a decoração figurativa interior da nave e do coro se ordenava simbolicamente em função dos temas cristológicos da abside⁸⁰. Esta disposição pretendia ser ao mesmo tempo hierárquica e convergente: hierárquica na escolha e colocação dos temas e dos personagens sagrados, convergente para o lugar do Encontro escatológico da Jerusalém terrestre e da Jerusalém celeste. A Igreja é um microcosmo⁸¹, o qual, no limitado espaço que lhe está reservado, enuncia o mistério do destino em Deus do mundo criado. A igreja é o lugar da reunião do mundo dos vivos e do cortejo dos santos, da Igreja visível e da Igreja invisível, da Igreja militante e da Igreja triunfante.

Isto o sentia bem Orígenes. Em seu tratado Sobre a oração, redigido por volta de 230, assim se expressa: “É seguro que as potências angélicas tomam parte na assembléia dos fiéis, e que a virtude de nosso Senhor e Salvador está presente nela, assim como os espíritos dos santos, os dos mortos que nos precederam”.

E mais adiante: “Na assembléia dos santos, estão reunidas duas Igrejas: a dos homens e a dos anjos”.

O ornato bizantino, não obstante seu aspecto solene⁸², não está de nenhuma maneira imobilizado em uma espécie de estado estático, como se somente buscasse criar um ambiente sacralizante. É vida. É progressão. Infunde um significado dinâmico particular à ação do povo cristão reunido para o louvor e a invocação. A esta ação lhe confere uma dimensão atemporal que tende a uma plenitude de eternidade.

Estamos aqui bem longe do edifício puramente funcional e polivalente que louvam nossos modernos liturgistas e enterradores do sagrado. Alguém pode se perguntar como é possível que ainda não tenham pedido a abrogação da liturgia da Dedicção.

NO OCIDENTE

É costume opor o Ocidente ao Oriente, dizendo, por exemplo, que o Ocidente sempre permaneceu mais sensibilizado que o Oriente em relação ao caráter didático da decoração figurada em seus lugares de culto. Esquematiza-se, afirmando que, em sua arte como em sua liturgia, o

⁷⁸ NT. Norte, que nas igrejas orientadas é o lado esquerdo.

⁷⁹ NT. Sul, que nas igrejas orientadas é o lado direito.

⁸⁰ Foi um dos temas tratados por André Grabar durante uma série de conferências que deu há alguns anos, no Instituto Católico de Paris, dentro dos cursos do Instituto de Liturgia.

⁸¹ Em suas *Recherches sur les sources juives de l'art paleo-chrétien* [Investigações sobre as fontes judaicas da arte paleocristã, André Grabar recorda, a propósito do simbolismo cósmico das igrejas, um poema sírio do fim do séc. VI, que assimila Santa Sofia de Edessa a um microcosmo (*Cahiers Archéologiques*, XII, p. 149)

⁸² NT. No original *hierático*.

Oriente cristão põe o louvor em primeiro plano, enquanto que no Ocidente domina o raciocínio teológico e a informação doutrinal. A iconografia ocidental seria antes de tudo, na Idade Média, uma iconografia de ensino, um catecismo em imagens. É verdade, numa certa medida. Porém desconfiemos das categorias. Observando acerca da disposição dos temas, nota-se que sua disposição está submetida e preocupações da mesma ordem de uma zona a outra da cristandade, principalmente na época românica. O Pe.Congar escreveu há não muito tempo, a propósito da liturgia, que seu caráter didático continua sendo sempre secundário. Sucede o mesmo com a iconografia monumental.

O estudo comparado do ornato figurativo faz aparecer entre o Oriente e o Ocidente ao menos tantos pontos comuns como dessemelhanças. Isso se deve não somente ao patrimônio ideológico e cultural que tem as mesmas referências e o mesmo marco sacramental, mas também a idênticos esquemas de base que conferem à ideologia uma unidade temática para o essencial, quaisquer que sejam as divergências formais e os particularismos técnicos.

Disso poderíamos dar numerosos exemplos. Assim, há uma grande semelhança entre a cena da Ascensão nas pinturas murais da Capadócia e o mesmo sujeito pintado em São Clemente de Roma, ou ilustrando um livro manuscrito da época românica como o Sacramentário de Limoges, ou ainda representado num vitral de Poitiers do séc. XII. A teoria dos eleitos ao longo das naves das igrejas orientais corresponde às grandes figuras dos santos nos vitrais de altas janelas em nossos edifícios góticos. Cada época da arte tratou à sua maneira o tema do juízo final, sem dúvida com constantes devidas ao fato de que os artistas beberam nas mesmas fontes doutrinárias. Isto é o que permite que se possa legitimamente comparar obras tão dessemelhantes como o grande mosaico de Torcello e a escultura de São Lázaro de Autun⁸³. Uma é tipicamente oriental e a outra ocidental. Diferem pelo estilo e por numerosos detalhes. O essencial, porém, se encontra em ambas. Transmitem a mesma mensagem de fé. E, em sua composição, se ordenam de maneira idêntica, segundo a mesma hierarquia.

A SOLIS ORTV VSQVE AD OCCASVM⁸⁴

Sobretudo, porém, não se deixará de observar que ambas ocupam o pólo ocidental da igreja. Esta coincidência não é fortuita. Não é tampouco por casualidade que se fecha o ano litúrgico com a leitura do capítulo 24 de São Mateus, que dos Evangelistas é quem nos dá a visão mais grandiosa do fim dos tempos.

Mas também o ano litúrgico começa com o capítulo 21 de São Lucas, ou seja, com o anúncio da vinda do Filho do homem, com “grande poder e majestade”. O fim de um mundo ao oeste, o anúncio do Reino eterno ao leste. O eixo das igrejas simboliza esse curso.

Aquele que é o ômega é também o alfa. *A solis ortu usque ad occasum, laudabile nomen Domini* (Sl 112,3): “Do nascer do sol até o seu ocaso, louvado seja o nome do Senhor”. Porém o último ocaso anuncia a aurora que já não terá fim. Depois da noite dos tempos, a Luz imperecível dos novos tempos.

Era para infligir os fieles que entravam na igreja o mesmo espanto que à mãe de François Villon, que os escultores medievais representavam com tanta freqüência o juízo Final na fachada ocidental das igrejas? Não é melhor considerar este tema em função daquele ao qual, avançando na nave, se descobre no presbitério, ao menos se se trata de uma igreja fiel à antiga tradição tanto ocidental como oriental?

SINAL DO FILHO DO HOMEM

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem” (Mt 24,30). “O sinal do Filho do homem é a Cruz”⁸⁵.

⁸³ É o que fizemos em nosso estudo sobre *Le Jugement Dernier (O juízo final)*, Paris, 1964, p. 64 ss.

⁸⁴ Do nascer do sol até o seu ocaso.

⁸⁵ Nos permitimos tomar uma parte do que se indica como continuação do capítulo sobre a Cruz de nossa obra sobre o *jugement Dernier* (p. 85 ss.), onde se encontrará um desenvolvimento mais amplo sobre este tema.

Já falamos dela no nosso primeiro capítulo. Retomamos o assunto sem medo de nos repetirmos, tão central é para toda a nossa vida cristã o mistério da Cruz e tão capital o meditar seu significado e exaltar sua riqueza.

Isolada no espaço celeste que a abside representa, a cruz é, como escreve Pe. Lanne, o “símbolo escatológico por excelência”⁸⁶. É a primeira cronologicamente e a más difundida de todas as imagens absidais. Ela é encontrada em Santa Pudenciana de Roma como em Santa Irene de Constantinopla. Nos santuários de Ravena brilha com seus ouros e suas jóias no azul riscado de estrelas. Sem dúvida no grande mosaico de Santo Apolinário in Classe, o tema absidal é a Transfiguração, porém, no lugar de Cristo aparece uma grande Cruz luminosa com a efígie do Salvador nos braços⁸⁷. Esta Cruz que Moisés e Elias adoram, e que três ovelhas contemplam, simbolizando os apóstolos privilegiados, toma aqui o sentido evidente de uma prefiguração da Teofania do grande retorno.

O culto da Cruz data das origens da Igreja. O uso do sinal da Cruz traçado sobre a frente o atesta São Basílio como procedente dos tempos apostólicos. Em seu livro *Les symboles chrétiens primitifs* (ed. du Seuil, 1961), Pe. Daniélou escreve: “O sinal da Cruz apareceu originalmente não como uma alusão à Paixão de Cristo, mas como uma designação de sua glória divina... e os quatro braços da Cruz apareceram como o símbolo do caráter cósmico de sua ação salvífica”.

Peterson mostrou quão ligados estão o culto da Cruz e o uso de rezar para o Oriente⁸⁸. A conveniência mística que associa a oração para o Oriente com esta visão do sinal que, melhor do que qualquer outro, leva em si a suprema esperança, aparece expressa no séc. II em São Justino e em Santo Irineu. Desde o começo, a Igreja vê na Cruz o duplo símbolo da obra da salvação cumprida por Cristo e de sua vinda gloriosa no fim do mundo. Muito naturalmente, a Cruz gloriosa, sinal de união, será a imagem absidal por excelência. São Paulino de Nola, no séc. IV, nos diz que a Cruz que mandou pintar na abside da basílica de Funda simboliza o juízo. Antes dele, Santo Efrém (†375 aproximadamente) estabelece para os artistas um programa a que, de século em século, deverão permanecer fiéis: “Esta preciosa Cruz -escreve- aparecerá no céu, sinal distintivo⁸⁹ da segunda vinda do Senhor, como o cetro de Cristo grande rei, o sinal do Filho do homem. Mostrar-se-á como primeira, escoltada pelo exército dos anjos, iluminando a terra inteira de uma extremidade a outra, superando o brilho do sol e anunciando a vinda do dono de todas as coisas, Cristo”. Apenas acabava de desaparecer Santo Efrém, quando São João Crisóstomo se expressava em termos quase idênticos⁹⁰. Tudo isto se volta a encontrar nos textos litúrgicos da festa de 14 de setembro, tanto nos ritos latinos como nos de Bizâncio. E, esta vez, a liturgia latina não perde em nada, em matéria de lirismo e de esplendor, para as liturgias orientais.

DA CRUZ DO GÓLGOTA À CRUZ GLORIOSA

Por certo ninguém imaginou antes que o celebrante pudesse dar as costas a este tema absidal tão rico em seu simbolismo e tão estimulante como chamado à contemplação.

Adivinho sem dúvida a objeção. Em muitas de nossas antigas igrejas se eleva, no limite da nave e do coro, dominando a assembléia, seja uma arcada, seja uma viga transversal, chamada viga de glória (ou tref, ou “pértiga”⁹¹), na qual se coloca Cristo na cruz, geralmente rodeado pela Virgem e São João. Ao celebrar de costas para o povo, o sacerdote dá também as costas -assim se dirá- ao grupo do Calvário e por conseguinte à Cruz. Isto é inexato, pois a viga de glória domina a assembléia e a recordação do sacrifício da Cruz tem por único objetivo introduzir aquela no coração do mistério da Redenção, afirmando o caráter sacrificial da Missa, em conformidade com a fé da

⁸⁶ Dom E. Lanne, *Le Jugement Dernier dans l'Art*, Revista Istina, 1958, n° 2, pp. 153-183.

⁸⁷ NT. O original diz: *con el busto del Salvador em el brazo*. A única efígie ou marca representativa de Cristo que vejo no mosaico é o alfa e o ômega de um lado e do outro da trave horizontal da Cruz. No topo da parede acima da abside está Cristo entre os quatro seres que representam os evangelistas e doze ovelhas subindo em sua direção pela esquerda e pela direita.

⁸⁸ E. PETERSON, *La croce e la Preghiera verso l'Oriente*, Ephem. liturg., n° 59, 1945.

⁸⁹ NT. No original: *Pródromo*.

⁹⁰ *In Matt. Homil.*, 54; *Homil. prima de Cruce et latrone*.

⁹¹ NT. Creio ser o que também se chama de pérgula.

Igreja. O Concílio de Trento se expressou assim: *“O sacrifício que se oferece sobre o altar é o mesmo que foi oferecido sobre o Calvário: é o mesmo sacerdote e a mesma vítima”*.

É assim e não de outra maneira que se deve interpretar a imagem do divino Crucificado à entrada do lugar sagrado onde serão celebrados os santos mistérios do altar.

E esta Cruz de sofrimento, figura da Oblação, deveria nos encaminhar para a Cruz gloriosa, *“sinal luminoso da vitória”*, como a proclama um tropário da liturgia bizantina de 14 de setembro. Entre as duas se encontra o altar como um relevo que, *“através da eucaristia da Cruz”* segundo a expressão do Pe. Bouyer⁹², nos transporta rumo à plenitude da obra da Salvação. A morte na Cruz não é um final, mas uma etapa rumo à Ressurreição gloriosa, penhor de nosso próprio destino, sobre o qual nosso Credo nos diz que não se cumprirá verdadeiramente se não na ocasião do advento do Reino que não terá fim.

Se eu tivesse a honra (e a capacidade) de ser o mestre de obras de uma igreja a ser construída, seguramente escolheria a Cruz gloriosa como ornato do presbitério oriental do edifício, para além do altar. E seguiria fiel à implantação do *“tref”* com a efígie do divino Crucificado, para aquém do santuário. O duplo simbolismo da Cruz não encontra assim sua mais bela expressão?

E não duvidaria sobre a localização do batistério. Seu lugar, seu único lugar está na entrada ocidental do edifício, ali onde, como escreve também o Pe. Bouyer, *“se efetua a passagem do mundo das trevas para o mundo da luz”*⁹³. E continua: *“O acesso à igreja pelo nártex, e mais precisamente, através do mar ou do Jordão simbólico do batistério, termina de indicar esse dinamismo inerente à celebração cristã: implica a passagem deste mundo a outro mundo, ou melhor, a passagem do mundo... ao século futuro”*.

Assim se indica de uma maneira ainda melhor o valor simbólico da orientação, com essa marcha do Ocidente de onde viemos rumo ao Oriente aonde nos chama a Esperança. E é de novo do Pe. Bouyer de quem tomo a conclusão deste artigo: *“A orientação simbólica da igreja (comunidade em oração e templo que a abriga) expressa o infindamento terrestre”*⁹⁴ *de toda eucaristia, desdobrada rumo ao advento da parusia. Ao mesmo tempo todo o cosmo se reconstitue, centrado sobre o Senhorio de Cristo ressuscitado que arrasta todo o universo, humano e angélico, material e espiritual, para o Pai”*.

Eu deveria dizer tudo isto, em resposta àqueles que, para justificar seu desconhecimento de uma tradição tão rica e tão universal, não hesitaram em pretender que nunca foi levada em consideração na Igreja latina. Nós os temos convencido? Que interessa? O que importava para nós era reunir e propôr certo número de argumentos em favor desta tradição, não somente para captá-la no passado, mas para mostrar que conserva todo seu valor de atualidade.

Nos falta tirar desses argumentos o que se aplica diretamente ao altar. Pois ao redor do altar é que se circunscreve o debate. Sem dúvida, pelo que antecede, já estamos decididos sobre o significado da *“Missa de frente para Deus”*. Devemos avançar mais além e dizer por que estamos resolutamente contra a *“Missa de frente para o povo”*.

⁹² *Le rite et l'homme*, Ed. du Cerf, 1962, p. 235.

⁹³ *Le rite et l'homme*, p. 253.

⁹⁴ NT. No original *inacabamiento*.

CAPÍTULO 5

De frente para Deus ou de frente para os homens?

CONCÍLIO E PÓS-CONCÍLIO

Até aqui temos tratado de mostrar a conveniência da Missa de frente para Deus, apelando para a autoridade da Escritura e dos Padres, e evocando a larga e unânime tradição referente à celebração para o Oriente.

Há poucos anos assistimos, na Igreja latina, uma ruptura massiva e brutal com esta tradição. Uma vez mais, esta virada radical pretende encontrar sua justificação em uma espécie de iluminação que tem sua fonte no último Concílio. Como se de uma vez o Espírito Santo tivesse revelado aos católicos o que ignoravam desde o começo: o significado da celebração eucarística.

Para falar a verdade, já fazia algum tempo que os altares começavam a serem virados. Quando um eclesiástico na onda tomava posse de um lugar de culto, era uma das primeiras reformas que pedia, ou melhor que impunha, e ele com a aprovação do que se chamava então de CNPL (Centro Nacional de Pastoral Litúrgica) (algum espírito malévolo poderia insinuar que o N de prestígio que corresponde a Nacional seria de “*de Novidades*”⁹⁵ e até de *Naufrageur* (provocador de naufrágios), *Navrant* (aflitivo, ofensivo, que causa mágoa) ou *Nefasto*).

Buscar-se-ia em vão nos decretos do Vaticano II um texto que normalize esta inovação. Porém, como é sabido, o que conta não é o que dizem os textos, mas o que se quer que digam. Já não se está com a letra, nem mesmo com o espírito do Concílio, mas, como escrevia um dos teóricos da nova liturgia, com sua “dinâmica”⁹⁶. Em suma, a exegese já não tem por lei o respeito da coisa escrita, mas sua manipulação.

Aparece claramente que esta manipulação é a que criou o mito conciliar e que difundiu no povo cristão certa imagem do Concílio, certa interpretação de suas decisões. Estas, ainda mesmo quando se desenrolavam as sessões, eram já desviadas para o sentido desejado por uma inteligência todo-poderosa. Foi ela que governou a opinião. Foi através do prisma deformante de seus comentários e de suas diretivas práticas que o povo cristão foi convidado a considerar o rosto do Concílio e a se conformar a seus ensinamentos. Estamos em um bom lugar na *Una Você* para dar um exemplo preciso disto. Não fomos reclamados o bastante que ao lutar pela salvaguarda do latim e do gregoriano estávamos em rebelião contra o Vaticano II? Sofri pessoalmente esta censura da parte de católicos fervorosos e de boa fé, que nunca leram os artigos 36 e 116 da Constituição Conciliar, e a quem se fez crer que o latim havia sido proibido por aqueles mesmos que o declaravam solenemente a língua própria da Igreja.

O Concílio pretendia ser pastoral e não doutrinal. O pós-concílio tem sido uma coisa e outra, e o que podemos afirmar, o que podem afirmar todos aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para escutar, é que se introduziu uma desordem nos dois campos: na doutrina e na pastoral. Em sua audiência geral de 28 de janeiro de 1976, Paulo VI atualizava, ao citá-la, a obra escrita em 1968 pelo Pe. Bouyer sobre *La décomposition du catholicisme*. Em oito anos as coisas somente se agravaram. No campo da pastoral, o abandono do latim, do que se esperava tanto para dar à liturgia uma nova primavera, lhe valeu como primavera, a seca, em outra parte a tempestade, um pouco por todos os lados um florescimento anárquico, quase selvagem, descontrolado, de plantas rasteiras e venenosas⁹⁷, sob as quais murcha e morre a boa semente. Realmente, que linda primavera!

O abandono do latim, por certo, não é o único em questão, porém tem seu valor de teste, e se encontra implicado diretamente, entre outras medidas, no erro modernista que põe em grave perigo a própria substância da fé. Este erro, como o diabo, é legião. Como a hidra, tem múltiplas cabeças. Uma dessas cabeças tem por rosto: a abertura ao mundo. Outra: o desprezo do sagrado. Outra: o

⁹⁵ NT. Adaptação do original *Novador*.

⁹⁶ Em virtude desta “dinâmica” se constituiu o regime atual de adaptação contínua e de incessante criatividade, e se instalou na Igreja essa “revolução litúrgica permanente”, recentemente denunciada pelo Pe. Bruckberger (Cfr. L'Aurore, de 11 de março de 1976).

⁹⁷ NT. No original: *de malezas y de plantas venenosas*.

ecumenismo mal compreendido. Outra ainda: um rosto que se parece muito com o precedente, eliminada toda ingênua candura, a saber, o rosto da heresia protestante.

Chegamos assim, depois de tê-lo situado por todo o precedente, ao centro mesmo de nosso debate. De início, afirmamos uma coisa: ter virado o altar⁹⁸, por pretexto em uns, por razão sincera em outros, de uma melhor participação litúrgica, é realmente uma concessão perigosa ao modernismo. É uma etapa. É um “sinal de pista”, cujo alcance não se capta o bastante, no caminho que leva à alteração profunda da doutrina da Missa, a fim de unir aos que, por sua vez, não estão decididos a nenhuma concessão doutrinal, dito de outra maneira, que seguem e seguirão na heresia e que somente pedem que sejamos atraídos a ela.

Voltar-se-á a isto mais adiante, porém, como em todo debate, devemos primeiramente expor os argumentos, bons e maus (pois nem tudo se deve reprovar), dos partidários da Missa de frente para o povo.

AS MÁS RAZÕES⁹⁹

1. Estar em comunhão com os fiéis

É inútil voltar ao argumento “romano” (o altar-mor de São Pedro em Roma, por exemplo). Já falamos bastante sobre isto no capítulo 3.

Um dominicano me dizia um dia: “*Desde que celebro de frente para o povo, pergunto-me como antes pude fazer de outra maneira. Realmente preciso ter os fiéis diante de mim, e sentir-me em comunhão com eles*”. Isto completa outra reflexão coincidente, de um pároco que temos citado em *Una Voce*, nº 60, pp. 3-6: “*Já estava cansado de celebrar diante de uma parede*”.

Se estas linhas caírem diante dos olhos deste sacerdote, espero que venha a servir para que admita que o que ele toma por uma “*parede*”, em sua interpretação puramente funcional do edifício-igreja, pode ser compreendido muito de outra maneira. O que merece ser assinalado é essa “*necessidade*” de estar de frente para os fiéis. Quem acredita ser este dominicano? Um ator, um conferencista, um demonstrador? A Missa por acaso é um espetáculo? E o que se quer mostrar aos espectadores: como se opera a transubstanciação??? Como se faz a fração da hóstia? Como procede o sacerdote para comungar sob as duas espécies? Acaso o povo tem necessidade de ver isso para crer? Deve-se pensar que antigamente estávamos muito mal informados dos ritos sacramentais e que os fiéis agora têm muita sorte? Vamos então! O único olhar capaz de contemplar o mistério é o olhar interior da fé, e se necessita de referências visíveis e audíveis, que eu saiba não lhe faltava até há pouco quando a Missa estava no bom sentido. Não, verdadeiramente não vejo como virar o altar facilita o acesso ao *mysterium fidei*.

Pelo contrário, penso que, nesta Missa onde se vê tudo, há um perigo de considerar os gestos do celebrante por si mesmos, de se ver tentado a humanizá-los, de deter-se em sua expressão formal, de considerar a quem os realiza em função não de sua missão sagrada, mas da maneira como os leva a cabo. Na Missa de frente para o povo, a qual não pode deixar de ser uma Missa-espetáculo, há sempre para os fiéis, queira ou não, um convite à crítica no sentido etimológico da Palavra, que significa julgar. Não digo que este perigo esteja totalmente ausente quando o celebrante dá as costas aos fiéis, porém se encontra infinitamente reduzido, e quem não compartilha do ponto de vista do autor destas linhas poderá reconhecê-lo.

Poderão reconhecer igualmente que o que é um perigo para os fiéis, é também para o celebrante. E chego assim a outro argumento que com freqüência se escuta para justificar a Missa de frente para o povo.

2. Uma melhor qualidade dos gestos litúrgicos

Diz-se que o fato de ser melhor visto por todos obriga o celebrante a mais dignidade, a uma maior atenção, a um melhor controle de seu porte e de seus gestos, a uma tomada de consciência mais exigente de seu papel e de suas responsabilidades frente a quem está olhando, e que tudo isso só pode melhorar a qualidade da celebração litúrgica. Diz-se igualmente que o fato de pronunciar os

⁹⁸ NT. No sentido de celebrar do seu lado posterior, de frente para o povo.

⁹⁹ NT. As únicas razões no original são as quatro colocadas, consideradas boas ou más.

textos em voz alta, sobretudo se se celebra em vernáculo, o obriga a articular melhor as palavras, pondo nelas o tom conveniente. Não o discuto. Reconheço de bom grado que o fato de não estar sob o olhar direto dos fiéis é de natureza capaz de favorecer certas imperfeições e negligências, ocultando-as em maior ou menor grau, e que as Missas chamadas “*rezadas*”¹⁰⁰ não tinham sempre a qualidade desejada, sobretudo numa época em que a não abundava a participação dos fiéis e nos lugares onde dominava uma formalidade dominical de rotina ou de conveniência.

Para o sacerdote, porém, que celebra de frente para o povo e que se vê como objeto dos olhares¹⁰¹, existe o risco de “fazê-lo com pose”. Este risco é máximo nas Missas transmitidas pela TV. Como poderia ser de outra maneira quando no lugar de seu grupo habitual de fiéis, o celebrante sabe que é o alvo de milhares de rostos, estando as câmeras a fazer dele um atriz protagonista¹⁰²? Este é um caso extremo, sem dúvida. Porém põe em relevo o aspecto de espetáculo da Missa de frente para o povo, na qual, com demasiada frequência, mesmo diante de uma reduzida assistência, as entoações e os gestos do celebrante parecem estudados como os de um ator, com uma busca pela forma que vai além da simples preocupação pela dignidade. Isto é às vezes tão sensível que alguém pode perguntar se tal Missa deveria concluir não com “*Ide em paz e o Senhor vos acompanhe*” mas com “*Me vistes?*”¹⁰³

De toda maneira, há um gesto que me parece embaraçoso, até inconveniente, de se oferecer em espetáculo: o de comer a hóstia grande. Alguns celebrantes o sentem muito bem. Por isso, para fazê-lo, inclinam-se fortemente sobre a ara do altar.

3. O falso argumento da Ceia

Todos temos ouvido os partidários da Missa de frente para o povo dizer que à tarde da quinta-feira Santa, na última Ceia, Cristo não dava as costas aos seus apóstolos. Estes estavam reunidos ao redor dele, sentados na mesma mesa.

Aqueles para quem a Missa é somente uma refeição comunitária não podiam deixar de trazer este argumento. Lamentavelmente, se caem assim na heresia em matéria dogmática, não estão menos em erro em relação à história. Possivelmente tomam por referência alguma representação da Ceia na arte medieval. Se estivessem melhor informados da disposição da mesa e da distribuição dos comensais numa refeição na Antigüidade, veriam que Cristo não estava de nenhuma maneira de frente para os apóstolos e nem tampouco lhes dava as costas.

A célebre Ceia de Leonardo da Vinci mostra os apóstolos de um lado e outro de Jesus, de um só lado de uma mesa retangular. Outras obras não menos conhecidas, a Ceia de Philippe de Champaigne, por exemplo, destacam de igual maneira o primeiro plano, deixando sem ocupar (ou somente ocupado em seus dois extremos) o lado da mesa oposto a Cristo. Sem dúvida isto é apenas uma decisão de composição, destinada a destacar amplamente, para quem olha o quadro, Cristo e seus vizinhos imediatos. Porém os artistas, sem deixar de cometer um anacronismo com sua mesa retangular, adaptavam uma parte da disposição histórica da Ceia, tal como a podemos imaginar segundo os usos do tempo. A mesa devia ser de forma aproximadamente semicircular, em sigma grego, mantendo-se os comensais de um só lado, isto é, do lado exterior, convexo, servindo-se a mesa pelo lado da concavidade. Assim pois, Cristo não estava de frente para os apóstolos, o que não feria de maneira alguma por causa disso as relações de intimidade entre o Mestre e seus comensais.

4. O argumento pedagógico

Diz-se-nos que a liturgia deve ser um ensino, e que o aspecto pastoral da Missa implica a necessidade de fazê-la bem visível e inteligível a todos. Somente a celebração de frente para o povo alcança este objetivo, que se considera capital.

¹⁰⁰ NT. Missa rezada é uma expressão que se refere à Missa sem solenidade e sem o canto do celebrante. É a maneira comum de se celebrar a Missa no meio da semana.

¹⁰¹ NT. No original: *que se sabe mirado*.

¹⁰² NT. No original: *una vedette*.

¹⁰³ NT. No sentido de “Como fui? Fui bem?”

Durante as jornadas de estudo de setembro de 1965 no Instituto Católico de Paris, protestamos, em nome da associação Una Voce, contra tal aberração. E citávamos algumas reflexões de Dom Froger, e inclusive do Pe. Congar.

Repetimos aqui, com Dom Guillaou, que *“as pessoas não vêm à Missa como a uma conferência; não vêm para instruir-se nela; pelo contrário, devem estar instruídos de antes; vêm para louvar ao Senhor que conhecem, e porque o conhecem”*.

Sem dúvida, sempre necessitamos conhecê-lo cada vez mais, mas não à maneira de um certo número de teólogos de hoje, para quem o Senhor é objeto de pura especulação intelectual, e não deste conhecimento que brota da fé para unir-se ao amor. O Senhor, que se revela aos pequenos e aos humildes, se encontra verdadeiramente nesses falatórios intermináveis e nessas leituras cansativas que formam o mais claro da Missa em novo estilo?

O aspecto catequético da liturgia é um aspecto menor, secundário, *“de acréscimo”* (Dom Froger). O que primeiramente conta é o louvor divino, que culmina precisa e etimologicamente na Eucaristia.

Longe de mim a idéia de querer minimizar o valor litúrgico e espiritual de escutar a Palavra de Deus, ainda que eu não seja o único a deplorar que a liturgia da Palavra tenha tomado uma importância desproporcionada em respeito à liturgia eucarística propriamente dita, que continua sendo de qualquer maneira o essencial da Missa¹⁰⁴. Porém não vejo em que as leituras necessitam, ou simplesmente justificam, o altar de frente para o povo, posto que sua proclamação se faz, já não do altar, mas de uma estante ou de um ambão colocados no coro¹⁰⁵.

ANOMALIAS E INCONVENIÊNCIAS DA CELEBRAÇÃO DE FRENTE PARA O POVO

A paixão pela Missa “ao revés” tem sido tal que bem poucos lugares de culto constituem uma exceção do que se tornou uma regra quase geral. E todo eclesiástico que hoje não se conforma a ela passa por um tradicionalista suspeito, mesmo tendo adotado o Novo Ordo.

E sem dúvida, o virar o altar, ou mais freqüentemente, a instalação de um novo altar diante do antigo, faz que apareça um certo número de anomalias, que talvez os fiéis percebam cada vez menos, com a ajuda (já!) do hábito, mas que nem por isso são menos chocantes.

O crucifixo sobre o altar

Onde colocá-lo e em que sentido? Questão embaraçosa e que nunca foi resolvida de uma forma satisfatória. Acreditou-se sair do problema¹⁰⁶ erguendo, aqui e ali, uma grande cruz lateral ao altar e um pouco diante dele (para os fiéis). Porém, que a Cruz esteja ou não no altar, para onde deve olhar? Se é para o povo, Cristo dá as costas ao ministro do altar, e é mal-educado. Se é para o celebrante, é mal-educado para com os fiéis. A solução é sem dúvida adotada pelo Cerimonial dos Bispos (1, 12, nº 11), e recordada pelo Pe. Roguet: *“A cruz do altar deve estar olhando para a mesa do altar, de modo que seja o celebrante quem veja a Cristo”* (*Construire et aménager les églises*, Edit. du Cerf, 1965, p. 49).

“Em muitos lugares onde se erigiu um altar-mesa para celebrar de frente para o povo, se cometeu um erro, visível em demasiadas fotografias que alguém creria exemplares, de virar o Cristo para o povo”.

¹⁰⁴ Não estou convencido de que a abundância e a variedade das leituras bíblicas, e sua divisão em um ciclo trienal, obtenham o resultado que os reformadores deduzem de antemão, a saber, um melhor conhecimento da Escritura por parte dos fiéis. A intenção era laudável, mas repousa num erro psicológico. Para o comum dos fiéis, a faculdade de recepção continua sendo limitada. Seria interessante interrogá-los à saída da Missa segundo o novo Ordo. Quantos deles seriam capazes, não digo de resumir o conteúdo das leituras, mas apenas de dar sua referência? Em tal caso, em lugar desta espécie de empresa enciclopédica imposta a todos em nome de uma pastoral “de conjunto” notoriamente irrealista, não era melhor contentar-se como antes com um ciclo curto e uma antologia de textos bem escolhidos que, ao repetir-se cada ano, “passavam” muito melhor o entendimento do fiel médio de nossas paróquias?

¹⁰⁵ É a opinião do Pe. Bouyer até há pouco bastante partidário do altar de frente para o povo, e que estima que, na situação atual da proclamação das leituras bíblicas, sua justificação fundamental desapareceu (*Architecture et Liturgie*, édit. du Cerf, 1987).

¹⁰⁶ NT. O original traz: *se ha creído salir del paso*. Acredito que o sentido seja o colocado acima.

Assim, pois, nenhuma dúvida: deve-se virar a cruz para o celebrante. Bem pior para fiéis. A frustração destes é por outra parte relativa, posto que “*se o crucifixo é de tamanho normal, isto é, médio, a maioria dos fiéis não consegue ver o Cristo*”!

Não se poderia imaginar uma pirueta mais desenvolvida para descartar a única solução lógica, que seria voltar a colocar o altar no bom sentido...

Em suma, se está em plena contradição, e em plena descortesia: o celebrante está de frente para o povo, mas o divino Crucificado lhe dá as costas! A liturgia se volta a fechar numa relação Cristo-altar-ministro, o que está em flagrante desacordo com todas as boas razões de abertura ao povo que os ardentes defensores da celebração *versus populum* invocam. E assim se está em ruptura com o simbolismo que, desde o começo do cristianismo, estava unido à cruz do Gólgota, olhando para o oeste, isto é, para o mundo dos redimidos, a que seus braços atraem e reúnem em um mesmo povo¹⁰⁷. Este duplo simbolismo do acolhimento e da introdução ao mistério redentor, tão bem expressado pela cruz das vigas de glória, teria, apesar de tudo, uma dimensão distinta da que tem esta espécie de diálogo “clerical” a que se quer reduzir¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Cf. Jean DANIÉLOU, *Le symbolisme cosmique de la Croix*, La Maison-Dieu, n° 75, 1963, pp. 23-38.

¹⁰⁸ NT. No original: *una dimensión distinta de la de esta especie de diálogo "clerical" a la que se lo quiere reducir*. O original termina aqui. Há a impressão de que a obra está incompleta. Não encontrei outra versão para fazer comparações.